

CRISTO, LUZ E SENTIDO DA SOLIDÃO DO HOMEM



- Introdução

PRIMEIRA PARTE

- Capítulo primeiro: A SOLIDÃO RADICAL DO HOMEM 6
- Capítulo segundo: EMPENHAMENTO E SOLIDÃO 10
- Capítulo terceiro: A SOLIDÃO SUPOSTA OU IMPOSTA 14
- Capítulo quarto: A SOLIDÃO COMO SEPARAÇÃO 31
- Capítulo quinto: A SOLIDÃO NO MISTÉRIO DE CRISTO 37

SEGUNDA PARTE

- Capítulo primeiro: DA RECUSA À ACEITAÇÃO 47
- Capítulo segundo: CAMINHOS ABERTOS 50

INTRODUÇÃO

Neste trabalho queremos considerar o sentido da solidão humana, ou melhor, apresentar Jesus Cristo como Àquele que dá sentido à solidão do homem; isto é, não é um estudo sobre a solidão humana, mas sim procurar o seu sentido à luz de Cristo. Não é um estudo psicológico, mas teológico. Por isso, primeiro tentaremos descrever as características da solidão humana, enquanto tal, depois iremos interpretá-la à Luz de Cristo, que nos revela o seu sentido mais profundo.

Existem quatro formas de solidão

- A solidão ontológica ou existencial;
- A solidão devida à atividade e relacionamentos humanos;
- A solidão suportada ou imposta;
- A solidão do egoísmo e do pecado.

A solidão ontológica ou existencial

É comum a todos os seres humanos. Não depende das suas escolhas, mas está inscrita à própria natureza humana. É, podemos dizer, a condição da nossa existência. É uma solidão ontológica, uma solidão que não depende das circunstâncias fortuitas da existência. Contudo, é uma solidão que não pode ser negada, nem eliminada, só pode ser responsabilmente assumida. Pode conduzir a uma comunhão mais perfeita para com Deus e para com os outros, até chegar à comunhão perfeita do Céu, como também pode conduzir a extrema solidão do inferno. A solidão é uma experiência humana, da qual podemos tirar proveito ou prejuízo, depende da nossa forma de viver.

A solidão que deriva da ação

É aquela solidão que depende das escolhas pessoais de cada pessoa, dos compromissos assumidos, isto é, dos ideais de vida, da dedicação voluntária ao serviço dos outros, do testemunho voluntário da fé em Jesus Cristo. É uma forma de viver que envolve todos os relacionamentos humanos e acarreta uma solidão muito diferente da solidão ontológica, uma solidão que não é «natural», uma solidão que depende do estilo de vida que escolhemos. É uma solidão que deriva da dedicação a uma causa, a um ideal de vida, à fidelidade à família, aos

deveres, aos compromissos, ao testemunho coerente da fé em Cristo. Uma solidão que depende da fidelidade que provoca incompreensões, contrariedades e, até, perseguições. É um estilo de vida que produz solidão, uma solidão que assume as dimensões e as características da missão. Uma solidão crescente na medida da fidelidade aos valores que escolhemos. Não é uma solidão procurada, mas é inevitável pois sobrevém como efeito direto do nosso livre arbítrio, das nossas escolhas concretas e da nossa fidelidade.

A solidão suportada ou imposta

É aquela solidão que não escolhemos, mas acontece. Não é consequência do nosso agir, mas das circunstâncias da vida. Não é escolhida, nem desejada ou procurada, mas é pura e simplesmente imposta, ou suportada, como acontece por exemplo, a tantas pessoas que vivem desconhecidas no anonimato das cidades; a solidão dos idosos e dos doentes, de tantos homens e mulheres do nosso tempo; há certas formas de doenças que obrigam ao isolamento, ao corte doloroso das relações sociais; há depois a solidão que deriva das múltiplas formas de opressão; a solidão da perseguição por causa da justiça ou do testemunho da fé; a solidão da incompreensão da própria família, dos colegas de trabalho; a solidão dolorosa da rotura dos relacionamentos familiares, separações, divórcios, abandono, precariedade de recursos; em muitos países, a solidão do exílio, da emigração; a solidão do luto e da perda das pessoas queridas, e, portanto, uma solidão que não é consequência, direta ou indireta, de uma escolha livre do homem.

A solidão do egoísmo e do pecado

É aquela solidão que acontece quando os homens escolhem livremente, separar-se dos outros e, principalmente, de Deus. É a solidão a solidão do egoísmo e do pecado, da negação do bem e da recusa de Deus. Uma solidão livremente escolhida. Uma solidão culpada que tem consequências terríveis que ultrapassam os limites do espaço e do tempo e revestem as dimensões da eternidade, da solidão absoluta e extrema do inferno.

Respostas humanas

A razão humana oferece, com certeza, respostas valiosas para superar as diversas formas de solidão; resposta de uma notável densidade

antropológica, porque propõem o diálogo, a amizade, o amor, o altruísmo, a generosidade, enfim, a necessidade da solidariedade em nome da humanidade, pois estamos todos no mesmo barco. Trata-se de respostas autênticas, mas intrinsecamente limitadas à vida terrena, enquanto ser humano procura e exige um significado transcendente e o encontro pessoal com Àquele que é a fonte e fim último da nossa vida. Toda a Sagrada Escritura é resposta a esta questão fundamental, mas sobretudo o Mistério de Cristo. Nele podemos discernir a presença de todas as formas de solidão humana. Ele, mesmo sendo o Filho de Deus, assumiu de tal forma a nossa natureza humana, que não quis poupar-se desta experiência tão humana; conheceu-a em todas as suas dimensões, sobretudo, de forma dramática, no Jardim das Oliveiras e no alto da cruz. A solidão de Jesus Cristo desde sempre foi objeto da piedade e da devoção de todos os cristãos e tem alimentado a espiritualidade de muitos santos. A solidão de Cristo não é só matéria de contemplação, mas também um tema teológico. Podemos dizer que a solidão humana, assumida por Cristo, é a Revelação de Deus em ato.

Ambivalência e liberdade

Não é fácil falar da solidão humana porque ela contém sempre aquela ambiguidade, consequência direta da nossa liberdade e reveste formas distintas e diversas dimensões. Em si mesma poderia simplesmente manifestar a individualidade de cada ser humano, mas pode exprimir a experiência dolorosa do isolamento. Poderia ser um simples sentimento, mas toca o mistério profundo de cada ser humano. Poderia ser aceite como consequência da fidelidade aos compromissos, mas pode também ser imposta e suportada pelas circunstâncias adversas da vida. Pode ser consequência direta do egoísmo e do pecado, daquela rebelião primordial e, até, sinónimo do inferno, como também, pode ser enfrentada à luz da fé, como condição fonte de comunhão e santidade. A solidão portando é ambivalente, pode ser considerada uma desgraça, mas também um tesouro precioso, positivamente procurado e amado. Mesmo a solidão imposta, negativa e agressiva como ela é, pode produzir separações e roturas dolorosas, como também, pode tornar-se positiva e fecunda, tal como foi a solidão redentora de Cristo e corredentora dos santos. A solidão da velhice e da doença, da incompreensão e da perseguição, pode conduzir ao desânimo, à revolta, ao isolamento agressivo, mas pode também, em última análise, ser assumida, santificada e transfigurada pela fé em Cristo e tornar-se fonte

de compreensão humana. A solidão pode ser o resultado de fidelidade a um ideal e sinal de esperança, mas também sinal fruto do egoísmo e do orgulho e do pecado e sinónimo de inferno. mas também, pode ser fonte de comunhão e de santidade, que preanuncia a comunhão perfeita do Céu. Em muitos casos, a solidão aparece como uma desgraça, mas noutros casos vezes é aceite com uma realidade positiva, procurada e amada, fonte de amor e de paz.

Para os cristãos, a solidão, mesmo a mais dolorosa, pode ser vivida à luz da fé, imitando Jesus no Seu abandono filial no Pai e, assim, tornar-se fonte de comunhão indefetível e profunda, como sempre foi a solidão corredentora dos santos.

A solidão ontológica é inerente a nossa natureza humana, não é escolhida, nem pode ser eliminada, só pode ser positivamente aceite. Não existe relação humana que a possa preencher ou suavizar, nem sequer a intimidade conjugal. Só Deus pode entrar nela e infundir a paz. Esta solidão desafia a nossa capacidade de suportaçãõ, mas quando é positivamente aceite, torna-se uma boa companheira que nos ajuda a crescer em humanidade e santidade. A mesma coisa acontece por solidão de açãõ, a qual aumenta na medida em que mantemos fidelidade à nossa missãõ. A solidão, em certos casos, é livremente escolhida e procurada, como acontece na vida ascética e contemplativa, e torna-se positiva e fecunda, tal como foi positiva e fecunda a solidão redentora de Cristo e como é solidão corredentora dos santos. Seja como for, qualquer forma de solidão conserva sempre a sua ambivalência, pode ser assumida e vivida positivamente e tornar-se fecunda, como pode ser negada e rejeitada, como realidade negativa, até ao isolamento radical do inferno. A mesma solidão joga a proveito ou a prejuízo, depende da atitude de cada homem.

As respostas

As respostas humanas que apontam para o diálogo, a amizade, o amor e a solidariedade, embora sejam autênticas, se revelam intrinsecamente limitadas. Por isso, iremos falar do mistério de Cristo que, na sua humanidade, assumiu de tal forma a experiência da nossa solidão, em todas as suas formas, exceto a do pecado, sobretudo no Jardim das Oliveiras e no alto da cruz. A solidão de Jesus Cristo, desde sempre foi e continua a ser objeto de meditação e de devoção popular de muitos

cristãos, alimentou a espiritualidade e a contemplação de muitos santos, é também um tema teológico de fundamental importância.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A SOLIDÃO RADICAL DO HOMEM

1. O homem e a sua solidão radical segundo o livro da Génesis

A solidão encontra-se radicada na mesma essência do homem, é constitutiva da sua própria natureza, por isso é chamada «solidão ontológica». O livro do Génesis apresenta-a como uma característica fundamental do ser humano: «Não é bom que o homem esteja só» (Gn 2,18). A criação da mulher é representa uma resposta de Deus à solidão originária.

Esta solidão original, não apenas diferencia o homem e a mulher dos outros animais, mas os torna sujeitos da Aliança e parceiros do Absoluto. Neste mundo não prevalece é semelhança, mas a diferencia. Desde criação, com a experiência do pecado das origens, quebra-se, de algum modo, a comunhão com Deus e na vida do homem e da mulher, entra no mundo a experiência dolorosa da solidão. É uma solidão existencial, antológica, ligada a natureza humana, tanto que, podemos dizer que o homem e a mulher são duas encarnações da mesma solidão radical.

O homem e mulher, como seres humanos, pessoais se identificam com um «eu» único e irrepetível e, ao mesmo tempo, estão marcados por esta novidade ontológica, por uma solidão existencial, positiva, que encerra o mistério da sua peculiar dignidade. Uma solidão natural, prévia, que precede todas as outras características e determinações.

O pecado das origens introduziu uma rotura entre o homem e Deus, uma rotura que continua a marcar, como um selo, cada ser humano, uma solidão radical, que chamamos «ontológica» ou «existencial», uma solidão que só Deus preencher. Esta forma de solidão esconde a identidade do ser humano de criatura, feita à imagem e semelhança do seu Criador. Uma solidão que o define interlocutor e parceiro de Deus. O ser humano, de fato, é chamado à comunhão com o seu Criador e ao mesmo a aperfeiçoar a obra da criação. A solidão ontológica é aquela solidão que impele o homem a procurar a Deus e, ao mesmo tempo,

o seu justo lugar na obra da criação. Uma solidão sedenta de comunhão e que não sossega senão quando descansa em Deus. (27-30)

2. Individualidade e mistério pessoal

O homem experimenta a sua solidão «existencial» quando toma consciência da sua própria individualidade. Cada ser humano, homem ou mulher, reconhece-se como um ser individual que partilha com os outros seres humanos a mesma natureza humana, no entanto, não se confunde é «outro ser», um ser distinto, separado, diferente, singular, embora, esta individualidade não é suficiente para o definir. O ser humano é muito mais do que um indivíduo, é «pessoa», um ser dotado de racionalidade, de interioridade, de autodeterminação, de livre arbítrio: podemos dizer mais, é um ser capaz de comunicar com os outros seres humanos e com o próprio Deus, um ser capaz de auto transcendência. O facto de ser pessoa coloca-o acima de todos os seres criados, com uma incomparável dignidade: «Criou Deus o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou» (Gn 1,27)

O ser humano, como pessoa, não é apenas um indivíduo, mas um ser livre: é alguém que toma decisões diante da vida e da morte, diante das circunstâncias cruciais da sua existência, que faz escolhas pessoais, nas quais não pode ser substituído por ninguém. Como pessoa, assume de forma incomparável, a responsabilidade de enfrentar a profundidade o seu próprio mistério. Por isso é que, a sua solidão assume a dimensão ontológica, existencial, não obstante a sua abertura ao outro, a sua capacidade de comunicar, continua a ser pessoa, um ser único, distinto, que não pode deixar de estar só. Nesta solidão tão radical, reside e se manifesta a sua verdadeira grandeza, a sua dignidade pessoal, singular, de carácter irreduzível. Uma dignidade altíssima, que recebeu de Deus, da qual, ele próprio se torna consciente, não só porque é diferente de outros seres, mas porque depositário de uma vocação de eternidade (30-32).

3. Comunicação e incomunicabilidade

Cada homem como pessoa possui um tesouro escondido, um tesouro em vasos de barro, como dizia São Paulo, um tesouro de valor incalculável, mas aparece como um mistério, como uma fortaleza, onde é difícil, senão impossível entrar. O mistério pessoal, de comunhão, mas

que comunicação poderá haver entre os homens? É esta pergunta constitui sempre uma fonte secreta de inquietação.

Como seres humanos que somos, reconhecemos a nos outros a mesma solidão e o mesmo desejo de comunhão. Conhecemos a experiência de um encontro verdadeiro com os outros, porém, quantos encontros superficiais ou falhados?

A comunicação plena é certamente rara e difícil. O que há de mais profundo em nós é quase incomunicável. As palavras são sempre insuficientes. Toda a tentativa de diálogo é como lançar uma ponte por sobre um abismo sem saber se do outro lado existe um caminho que realize tal comunicação.

O homem é feito para a comunicação. Toda a questão consiste em saber se é possível ultrapassar a barreira que nos separa dos outros.

O nosso tempo é uma evidente comprovação dessa procura ansiosa. Mas os meios de comunicação, aperfeiçoados que sejam, não ajudaram os homens a comunicar mais profundamente.

A comunicação tem um segredo, mas poucos parecem conhecê-lo. Paradoxalmente, todos os esforços parecem apostados para dissipar este segredo, banalizando-a ou tornando-a pública. A consequência não pode que ser uma solidão ainda mais dolorosa. (32-35)

Solidão e liberdade

Uma das expressões mais significativas da solidão original é o exercício da liberdade. O homem, nas suas escolhas não pode ser substituído por ninguém. E não se trata unicamente das grandes opções, mas também das escolhas pequenas do dia a dia. É nelas que se joga o sentido e a coerência da vida inteira.

Mais ainda, cada ato de liberdade pode ser causa de uma mais profunda solidão porque o separa cada vez mais de outros que fizeram escolhas diferentes. Esta é uma situação normalíssima, no entanto, também aqui se pode introduzir uma deformação negativa, pois, não raro, a intransigência aumenta quanto mais se apregoa o pluralismo, o que inevitavelmente isola os que não abdicam da liberdade que é, a mesmo tempo, seu direito e dever.

Não parece que, nos nossos dias, a capacidade de integração positiva da diferença, da sua aceitação como um valor, seja maior do que no passado. Mais facilmente do que a tentativa de compreensão o que se contrapõe à indiferença, é a desconfiança, ou então a crítica fácil, a

exclusão sumária, a condenação para a marginalidade. É o processo da incompreensão e da solidão imposta que assim se desenha, como mais adiante teremos ocasião de considerar.

Por fim, a solidão própria da liberdade é particularmente acentuada, mas agora de maneira negativa, na medida em que o homem se separa do seu fundamento último, ou seja, na medida que procura uma liberdade sem Deus ou contra Deus. Mas poderá a liberdade, sendo um caminho solitário, ser também um caminho de esperança? Sim, se realizar a seguinte condição: se for possível, nesta solidão completa, um ato de suprema liberdade e, ao mesmo tempo, de inteira identificação com um desígnio transcendente, ou seja, divino. (35-37)

5. A comum experiência da solidão radical

O homem, criado à imagem de Deus e destinatário da Aliança, vive uma profunda tensão interior: o seu desejo de eternidade e de perfeição defronta-se continuamente com a sua própria incapacidade de lhe dar pleno cumprimento.

O homem é animado por um intenso desejo de realização pessoal, de comunicação, de compromisso livre e responsável. No entanto experimenta a sua incapacidade radical. Descobre que está sozinho. Uma solidão originária, que lhe vem da consciência viva, dramática, de que ninguém, pode definitivamente corresponder à sua necessidade e satisfazer o seu desejo.

Esta solidão originária, se não se interpuserem obstáculos, podia tornar-se uma ajuda para descobrir a única fonte capaz de saciar a sua sede, a Água viva, que é o próprio Deus. Os homens, tomando consciência da sua limitação humana e do seu destino transcendente, podem realizar um encontro mais autêntico com os outros e praticar uma verdadeira solidariedade.

A limitação, que cada homem experimenta em si mesmo, cria sentimentos de compaixão pelos outros, impelindo-o para a aventura do encontro pessoal e da relação comunitária. A experiência da solidão originária que acomuna todos os homens leva a procurar o sentido da vida e a sentir-se solidários com os outros homens, com os quais não só partilhamos a natureza humana, mas também a mesma esperança e o mesmo destino.

Mas o homem sozinho será capaz de dar esse «passo decisivo» para a solidariedade e pela comunhão? Não corre ele o risco de ficar paralisado dentro da sua própria solidão? Mais ainda, uma vez dado esse passo, poderá sozinho atingir a meta? Não será necessário continuar o caminho, mas desta vez num outro plano, onde a solidão do homem é abraçada e compenetrada pelo próprio mistério de Deus? (37-39)

CAPÍTULO SEGUNDO

EMPENHAMENTO E SOLIDÃO

1. A solidão do agir humano

Por paradoxal que possa parecer, o empenhamento e a dedicação consciente e plena a uma causa, frequentemente, traz consigo a inimizade e a solidão. A melhor maneira de evitar as contrariedades é não fazer nada, ficar inativo, no conformismo ou na indefinição. (41)

Estamos a falar da solidão de Acção. A Acção, enquanto exercício concreto da liberdade, comporta, de facto, provas tremendas. A Acção de um homem livre é sempre um risco, uma aventura, que pode desembocar na rejeição ou no fracasso completo. É o caso de quem dedicou a vida inteira a uma obra, a um ideal, e depois chegou a ser recusado, sem esperanças humanas de reconstrução ou de futura aceitação.

De entre numerosos exemplos que a história da Igreja conhece, poder-se-ia citar o de S. Francisco de Assis e de outros santos, que viveram uma situação de solidão particularmente dolorosa, em relação à qual, todas as soluções humanas se revelam inviáveis ou inúteis.

A grande tentação pode ser, então, a desobediência, a oposição frontal, ou mesmo a revolta. Mas que poderão estas fazer, senão acentuar o desespero e o vazio? Também a mera indiferença "estoica" só se revela portadora de uma solução que nada resolve, apenas ilude as aparências. A verdadeira solução está, pois, num plano superior, inteiramente desconhecido e impraticável fora do horizonte da fé (41-44).

2. Solidão e missão

Não somente o agir humano, mas também a missão, com frequência e em grau muito elevado, é acompanhada pela solidão, que em algum modo atesta a sua autenticidade. Em particular, aquele que tem uma «obra divina a realizar no mundo», deverá suportar a solidão, frequentemente associada com a perseguição.

A própria missão é já, por si só, fator de isolamento, que destaca vivamente do contexto social e comunitário. No âmbito da Revelação bíblica, basta pensar em Abraão; o chamamento de Deus distingue-o no conjunto de toda a humanidade, ao mesmo tempo que o faz romper com todos os vínculos terrenos e com todas as seguranças humanas. Moisés apresenta-se sozinho diante Daquela que o chamava do meio da sarça ardente, como também estará sozinho na montanha do Sinai, na presença da majestade da glória de Deus (Ex 19,16-20). Elias ver-se-á completamente isolado, de frente a uma grande multidão, pela exclusiva razão de ser "profeta do Senhor" (1Rs 18,22). Exterminados estes, caminhou quarenta dias e quarenta noites, até ao Horeb, sem ter outro objetivo aparente se não o de dizer a Deus: «Fiquei só e agora procuram tirar-me a vida» (1Rs 19,14). Isaías, Jeremias, Ezequiel e com eles, de modo geral, todos os profetas, receberam a missão profética estando solitários, numa visão que interrompe toda a comunicação humana. E o mesmo se dirá da Mãe de Jesus, dos Apóstolos, de S. Paulo e, de uma maneira ou de outra, de todos os santos.

O Livro da Sabedoria descreve com extraordinária exatidão esta situação: «Dizem os ímpios uns aos outros, pensando erradamente (...) Armemos ciladas ao justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas obras; censura-nos as transgressões da lei e repreende-nos as faltas de educação. Pretende possuir os nossos planos e até a sua vista é insuportável. Porque sua vida não é como a dos outros e os seus caminhos são muito diferentes (...) Vejamos se as suas palavras são verdadeiras, observemos o que sucede depois da sua morte. Provemo-lo com ultrajes e torturas, para conhecermos a sua mansidão e apreciarmos a sua paciência. Condenemo-lo a morte infamante, porque, segundo diz, Deus virá socorrer-lo (Sab 2,12-15. 17-20).

Esta palavras, pronunciadas em outras circunstâncias, descrevem também adequadamente as perseguições infligidas aos profetas, e foram aplicadas ao próprio Jesus Cristo, o Justo por excelência (Heb 12,3; Mt 27,43). Muitos filhos da Igreja foram também, de modo diferente, vítimas de perseguição. A Igreja possui algumas páginas de

história, ainda atuais, embora escritas em tempos e situações diferentes. (45-46)

3. Solidão e testemunho da fé

A solidão que acompanha o compromisso pode ter também, como única causa, o testemunho da fé, o testemunho dado a Cristo. Todas as outras razões de algum modo aqui se simplificam e concentram. Aquele que suporta esta solidão encontrar-se-á, também, por sua vez, numa situação de extremo despojamento.

O apóstolo Paulo, prisioneiro pela segunda vez, escrevendo a Timóteo, exorta-o para que não se envergonhe dele, que está na prisão por causa de Cristo (cf. 2Tim 1,8). Paulo encontrava-se encarcerado em Roma em condições muito severas. Em tais circunstâncias, descreve dramaticamente a sua solidão: «Demas abandono-me por amor do mundo presente e foi para Tessalónica. Crescente seguiu para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Só Lucas está comigo. Toma Marcos e trá-lo na tua companhia, porque me é muito útil para o ministério (...) Na minha primeira defesa ninguém esteve a meu lado: todos me abandonaram. Oxalá que esta falta não lhes seja imputada» (2Tim 4, 9-11.16).

Trata-se provavelmente da última página que S. Paulo ditou antes de deixar esta vida. A cada passo é patente a motivação exclusivamente sobrenatural que iluminou os últimos momentos da sua vida, e que o determinou desde a sua conversão. Esta luz transcendente, porém, não oculta, mas sublinha ainda mais a solidão humana em que ele se vê mergulhado. Como Jesus Cristo diante de Pilatos, assim Paulo ficou só diante de Nero, diante do imenso poder do império Romano.

Depois de São Paulo inumeráveis cristãos, ao longo da história, enfrentaram sozinhos os poderes deste mundo, que os perseguiram por causa da sua fé em Cristo. Muitos deles deram o supremo testemunho, selando com o dom da vida a fé que professavam. Muitos outros, vivem ainda hoje sob regimes sociais e políticos que os perseguem, isolam ou dispersam, privando-os das condições indispensáveis para a expressão comunitária da fé e mesmo dos mais elementares direitos humanos.

Comprova-o este testemunho da Igreja perseguida na Cambójia: «Partimos de Phnom Penh com os outros cristãos, com Mons. Salas, os padres Salem, Chamreum, Bernard. No caminho, os Khmers vermelhos revistaram-nos e apoderaram-se de tudo o que nós tínhamos. Eu consegui esconder uma Bíblia. Mas eles aperceberam-se e privaram-me

de alimento durante um dia, com esta ameaça: "Toma cuidado! para a próxima, ficaras sem comida para sempre". Estávamos todos juntos, mas não tínhamos possibilidade de rezar, nem de celebrar a Eucaristia. Um dia, Mons. Salas disse-nos: "Mesmo que tenhais de suportar a fome, a miséria, o sofrimento, conservai a fé e irradiai-a. Oferecei as vossas vidas pela salvação do Camboja". Abençoou-nos e, depois, nunca mais o voltamos a ver».

Os cristãos encontram-se isolados, não só pela fé que professam, mas também pela moral que praticam. Basta recordar a Epístola a Diogneto. Esta solidão é, de certa maneira, intrínseca à condição cristã. Primeiro a identificação. «Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem pela pátria, nem pela língua, nem por um género de vida especial». Mas depois a diferença. «Casam como toda a gente e criam os seus filhos, mas não se desfazem dos recém-gerados. Participam da mesma mesa, mas não do mesmo leito. São de carne, mas não vivem segundo a carne. Habitam na terra, mas a sua cidade é o céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas pelo seu modo de vida superam as leis».

Diante de determinadas situações, o cristão comporta-se de outro modo. Já no século II, o autor anónimo da Carta a Diogneto, defende a integridade do matrimónio e condena a promiscuidade sexual e o aborto. Também hoje, nestas e noutras matérias, com frequência os cristãos se encontram obrigados a ir «contra a corrente», separando-se e destacando-se dos restantes.

Não só a nível do ser, mas também a nível do agir o homem experimenta a solidão. A ação plenamente humana, ou seja, aquela em que a pessoa empenha toda a sua liberdade, é um risco, uma aventura, um esforço apaixonado, em que muitas vezes está posta em jogo a honra, e sua própria vida. Cada homem compromete-se a si mesmo, como pessoa, na ação que realiza e é, fundamentalmente, por este motivo que o agir humano traz consigo a solidão.

O agir humano traz consigo uma solidão intrínseca e uma outra extrínseca: a primeira distingue, a segunda isola. A missão, especialmente se de origem sobrenatural, separa por sua natureza, mas não isola. Mas esta missão pode suscitar e atrair oposição, violência ou perseguição. Também não é raro que alguém que foi chamado a desempenhar uma missão, se veja abandonado mesmo pelos amigos, dos quais teria direito a esperar solidariedade, em vez do desinteresse ou do desprezo. Uma das provas mais duras da missão é precisamente a de sentir-se isolado, não pelos inimigos, mas pelos próprios amigos,

traído pelos da sua própria casa. Será possível, nestas circunstâncias, permanecer fiel?

Podemos responder que sim, porque a fé abre o homem ao imprevisto da Revelação divina. Ele pronuncia um "sim" ao Deus vivo, e por isso mesmo um "não" ao domínio da matéria, ao absolutismo do poder, à idolatria do prazer. Não importa que uma destas grandes forças, ou todas elas juntas, se oponham à fé, quando isso se transforma em testemunho. O empenhamento traz consigo a solidão. Ainda que não desejada ou não procurada diretamente, a solidão aparece como consequência do compromisso pessoal. (64-70)

CAPÍTULO TERCEIRO

A SOLIDÃO SUPOSTADA OU IMPOSTA

1. O homem na grande cidade

A vida nas grandes cidades contemporâneas está cada vez mais marcada pelo anonimato. Embora mergulhados permanentemente na multidão, muitos homens vivem num ambiente de ignorância recíproca. Embora se cruzem a cada passo, nas ruas e nos meios de transporte, nas empresas e nos escritórios, nas escolas e nas repartições, não lhes é possível encontrarem-se, nem se conhecerem.

As nossas cidades são, com frequência, grandes desertos, onde algum oásis, ainda que muito procurado, dificilmente se encontra. Nesta época onde impera o pluralismo e o relativismo, as situações mais chocantes, do ponto de vista social ou moral, são muitas vezes olhadas com perfeita indiferença, ou com o sentimento angustiado de quem nada pode fazer. A verdade é que quase tudo passa despercebido. Os homens, no ritmo agitado e febril em que vivem cada dia, como podem tomar consciência dos seus dramas ou ouvir os seus apelos? E assim os que estão sós, ficam ainda mais sós e, os que precisavam de ajuda, ainda mais desamparados.

O sistema habitacional, por sua vez, acentua o sentido do isolamento. Há bairros imensos, urbanizações extensas que não passam de esqualidos dormitórios. O isolamento acentua-se a causa das distâncias a percorrer entre a casa e o local de trabalho. Muitos, todos os dias, passam longas horas nos transportes, e pouco tempo lhes sobra, no regresso, para se encontrarem com os familiares. Os grandes edifícios, mais que aproximar, separam, e ao mesmo tempo justapõem as famílias

e os indivíduos, numa vizinhança física por vezes excessiva, que não corresponde, porém, ao conhecimento pessoal. São imensos caixotes de aço e betão onde se vive em paralelo, num clima não só de desconhecimento, mas também de desinteresse. Não é raro que os habitantes dum mesmo prédio passem longos anos sem se conhecerem, sem se relacionarem, sem se prestarem nem receberem ajuda ou assistência, mesmo em situações dramáticas de doença ou de morte.

Tudo se conjuga, na cidade moderna, para impedir ao homem de entrar em si mesmo e de se abrir aos outros; todo o mecanismo da vida moderna está congeminado para produzir uma fuga de Deus e impelir o espírito para o deserto da neurose. Do que se necessita, pois, é de uma nova conceição do homem, que nesse deserto faça florescer uma presença; uma luz nova que o leve a se reconhecer como pessoas, superando o individualismo e o anonimato. (71-72)

2. Solidão, casamento e família

A situação da família no mundo de hoje aparece um conjunto de luzes e sombras. Há uma maior atenção para a qualidade das relações interpessoais no casamento, mas verifica-se também uma errada conceição da independência dos cônjuges entre si, que está na origem de um número sempre crescente de divórcios. E ainda quando não se atinge esta situação extrema, a estrutura familiar, sofre com frequência de instabilidade e desagregação. A família, que deveria ser lugar de encontro e de comunhão, tornou-se, infelizmente, lugar de conflitos destruidores. O resultado é um doloroso isolamento que, muitas vezes, acaba por desembocar na separação e no divórcio.

A queda vertiginosa dos valores morais enfraqueceu o vínculo matrimonial. A mentalidade predominante já não reconhece ao casamento as características de estabilidade e indissolubilidade. Na ausência de um fundamento absoluto, qualquer problema pode tornar-se insolúvel e o mais leve conflito pode degenerar na separação ou no divórcio.

Numerosos cônjuges não fazem referência nenhuma a um fundamento sobrenatural, que garante e consolide a comunhão; por isso não admira que se encerrem numa relação fundamentalmente egoísta, que na primeira ocasião é possível quebrar. E mesmo quando a rutura é evitada ou adiada por motivos de circunstâncias ou em atenção para com os filhos, instaura-se uma situação de mera coexistência: vivem lado a lado, mas já não têm nada em comum. São duas pessoas isoladas que

não se ajudam, nem colaboram para superarem mutuamente os problemas, apenas se suportam, cavando entre si um abismo, cada vez mais acentuado. No princípio não podiam viver um sem a outra, agora não podem viver juntos; um tempo desejavam a união, e agora só desejam a separação.

Digno de destaque é ainda o facto de que muitas crianças vivem com só um dos progenitores, em 50% dos casos com a mãe. Está em contínuo aumento o número das "uniões livres", recusando qualquer vínculo institucional, civil ou religioso, publicamente reconhecido. Mas, o que é mais dramático é o crescente número de gente que vive só, a maioria mulheres. Trata-se de divorciados, reduzidos à solidão pelo fracasso do seu anterior casamento e que não procuraram novos compromissos.

Acentua-se a desilusão e o ceticismo em relação ao matrimónio, aumenta o individualismo, a procura obsessiva do prazer e do bem-estar. A consequência é uma solidão ainda maior. (73-74)

3. Os jovens e a solidão.

É insólito falar de solidão a propósito dos jovens. Neles se refletem, e muito agudamente, todos os problemas da sociedade. Por isso, não é fácil compreender ou iluminar todas as facetas que caracterizam a solidão da juventude moderna.

A juventude está sedenta de verdade e justiça e representa um riquíssimo potencial humano, mas cada vez mais é ameaçado por obscuras realidades, entre as quais a perda preocupante dos valores morais.

Adolescentes e jovens em número crescente não recebem na família qualquer proposta de valores autênticos. As escolas, que deveriam promover uma formação integral da pessoa, são com frequência um palco de degradação moral e de violência. As paróquias, parece que perderam a capacidade de formar a juventude segundo os valores evangélicos. O resultado é um grande vazio espiritual e moral, terreno propício para todas as formas de degradação.

Os adolescentes que, por ação ou por omissão, não lhe foi comunicado o sentido da vida, andam à procura insaciável do prazer. Com a perda do sentido autêntico da liberdade e da responsabilidade, ou ainda, do sentido da dignidade do trabalho e da possibilidade de o exercer, os jovens descobrem-se como seres inúteis no meio de um mundo comandado pelo egoísmo e pela ambição.

Se não encontrarem na família um ambiente sadio para construir e estruturar a sua personalidade, inseguros, irão à procura de segurança em outros grupos. A ausência de comunicação dentro da família, provoca a fuga para o exterior, para as diversas formas de marginalidade, de criminalidade e para a droga. Em certos casos, para a hipertrofia de empenhamento político em organizações extremistas, que pode degenerar na violência e no terrorismo.

A droga é, sem dúvida, um fenómeno muito grave. Ele não se explica apenas por determinadas realidades socioculturais ou pela procura de compensações afetivas, mas também por situações de insegurança, de frustração, de angústia, pelo desejo de evasão, não último, pela ausência de valores e pela pressão social de grupos que recusam a cultura tradicional. As relações familiares conflituosas parecem estar à origem do recurso à droga, sobretudo em famílias desagregadas pela separação ou pelo divórcio.

O jovem, iniciando o consumo da droga, parece experimentar uma verdadeira solidariedade, uma prática de grupo, com as suas leis e os seus rituais, quase uma nova cultura, que supera o precedente isolamento. Mas, é só aparência porque esta prática isola tragicamente os toxicómanos de todos os outros homens. A fuga para um mundo irreal não diminui, antes acresce o peso da solidão.

A presença de um drogado numa família constitui um flagelo que a destrói, não só do ponto de vista afetivo, mas também do ponto de vista económico e social. Os pais assistem, sem nada poder fazer, aos pedidos de dinheiro, aos furtos, aos sintomas de abstinência, à violência, à interrupção dos estudos, à fuga de casa ...

A solidão, de ambas as partes, assume dimensões enormes. Na medida que aumenta a dependência da droga, a comunicação torna-se mais difícil, senão impossível. As curas médicas, inacessíveis à maior parte, só conseguem travar o processo de destruição total e adiar a morte. (74-78)

4. Solidão e ministério sacerdotal

A solidão sacerdotal é um problema complexo e normalmente mal compreendido. Com facilidade se confunde a solidão escolhida, eminentemente positiva, própria do celibato pelo Reino dos Céus, com o seu desvirtuamento, que é um isolamento espiritual e humano, de

solidão meramente suportada, por vezes, com grande sofrimento e amargura.

É certo que o sacerdócio traz consigo uma determinada solidão ou, mais exatamente, uma peculiar distinção, no seio da Igreja e da humanidade, uma vez que o sacerdote é tirado de entre os homens e constituído a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados (Heb 5,1).

Os sacerdotes, em virtude da vocação divina e da ordenação, têm um lugar de destaque dentro o povo de Deus, mas não são de maneira nenhuma separados, pois são consagrados totalmente para servir o povo de Deus e realizar a obra para que Deus os chamou.

Esta escolha distingue-os no conjunto dos batizados, mas para aproximar-se deles a um novo título. Aqui fundamenta-se aquela que chamamos «solidão ontológica». Neste caso trata-se de uma distinção sobrenatural e sacramental, que deve ser vivida com humana naturalidade, com alegria e perfeito equilíbrio afetivo: não há razão para associar esta forma de solidão com as diversas formas de isolamento, de frustração ou de tristeza. Esta tonalidade negativa não exprime a verdade do celibato sacerdotal.

No celibato sacerdotal atua-se e exerce-se um grande mistério. Uma explicação meramente funcional é insuficiente. Está comprovado que qualquer tentativa de pastoral vocacional que oculte o primado da iniciativa divina (chamamento) e que não prepare o cristão para a acolher, não tem razão de existir. Pois o sacerdócio não é uma mera função, um simples ministério a par de muitos outros, mas sim uma vocação divina.

Os sacerdotes, em virtude do sacramento da Ordem, recebem um carácter particular que os configura a Cristo Sacerdote, de tal modo que possam agir "na pessoa de Cristo". O sacerdote vive entre os homens, mas como testemunha e dispensador da graça divina e testemunha duma vida diferente da terrena. Numa palavra, ele é "ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus" (1Cor 4,1).

Ele é, e será sempre, sinal de contradição que testemunha a presença de Deus no mundo. E mais do que nunca hoje, no contexto de uma sociedade secularizada, caracterizada pelo eclipse progressivo do sagrado e pela eliminação sistemática dos valores religiosos. Neste ambiente, o sacerdote será sempre um estranho, parecerá de estar a mais e, nunca inteiramente compreendido. A sua vida e ministério serão para

muitos, inevitavelmente um absurdo, uma loucura, uma aventura sem sentido. Será recebido algumas vezes com um sorriso benévolo, outras com desdém, outras ainda com acintoso desprezo. Ao seu redor nunca deixará de fazer sentir a barreira subtil da incompreensão e, com ela, uma irreduzível solidão, que não está nas mãos dos homens dissipar.

Todos os esforços para eliminar esta diferença, esta solidão, acaba por esvaziar a sua identidade e despojá-lo da novidade evangélica, pela qual foi constituído testemunha e administrador.

Acabamos de falar da solidão ontológica do sacerdote. Mas é preciso acrescentar a solidão social, que coexiste sem dificuldade na sua atividade pastoral, que de certo modo, ainda mais a acentua.

Mais, é preciso acrescentar uma outra forma de solidão intrínseca à sua missão específica, uma solidão de ordem puramente circunstancial, que pode destabilizar o seu equilíbrio espiritual. Ele recebeu uma missão universal que, porém, se realiza no pequeno espaço de uma paróquia.

Pode-se responder dizendo que ele, na relação pessoal com Cristo, encontra a sua identidade e o sentido definitivo da sua consagração. É uma resposta fundamentalmente verdadeira, mas também, incompleta. O isolamento humano do sacerdote não se pode considerar «normal». Ele deve procurar uma inserção efetiva num ambiente solidário e fraterno. As origens sobrenaturais do seu ministério não o obrigam a uma vida "heroica", encontrando exclusivamente em Deus a resposta para o seu isolamento humano. Também a convivência fraterna com os outros lhe é necessária. A sua humanidade não fica anulada, mas é simplesmente sublimada na relação íntima com Deus e no serviço desinteressado aos irmãos.

O sacerdócio é sinónimo de transcendência e não de isolamento humano. A renúncia ao matrimónio e à constituição duma família, isto é, o celibato sacerdotal, não implicam a renúncia a um ambiente fraterno à inserção positiva e equilibrada numa família de vínculos sobrenaturais.

Nas circunstâncias de hoje, são raros os casos de sacerdotes isolados. Há mais reuniões, mais atividades de grupo, mais estruturas de participação. Tudo isso ajuda. Mas, nem sempre traz consigo mais comunhão ou fraternidade. Infelizmente, é frequente a experiência deprimente, dissolvente, de jovens padres ardentes, cheios de zelo, mas abandonados a si mesmos, em ambientes descristianizados ou indiferentes. Além disso, hoje muitos sacerdotes se queixam que as

relações entre o presbitério sejam normalmente ocasionais e superficiais. As próprias comunidades religiosas não são isentas: há encontros de trabalho, mas não intimidade. A vizinhança material nem sempre é sinónimo de mútua sinceridade e de encontro verdadeiro e fraterno. (79-83)

5. Solidão, sofrimento e doença

O sofrimento humano é uma das realidades existenciais mais difíceis a transmitir ou partilhar. O sofrimento, quando é profundo, encerra o homem em si próprio e acresce a sua solidão. Ninguém é capaz de comunicar plenamente o mistério do sofrimento, como ninguém tem a capacidade de penetrar no sofrimento dos outros. Humanamente falando, diante do sofrimento experimenta-se tragicamente a incapacidade de comunicar: as palavras não dizem, os sentimentos não vibram, qualquer conceito não atinge a realidade do sofrimento.

O livro de Job atesta dramaticamente esta dificuldade de partilhar o sofrimento. Os amigos de Job, apesar de sinceramente impressionados e cheios de compaixão, nada mais conseguem senão acentuar nele o desgosto e a decepção (cf. Job 16, 2-4; 12, 2; 6,15). A solidão de Job, por paradoxal que apareça, nunca se revela tão dramática e penosa como na companhia e na presença dos seus três amigos. Os raciocínios humanos, ainda que inspirados no tesouro mais autêntico da Revelação, não conseguem explicar o mistério do sofrimento. Por isso é que, os três amigos de Job não compreenderam. O mesmo Job, não compreende, só confia na Onnipotência divina e se humilha diante da Sua incompreensível justiça. Nesta passagem da revolta para confiança revela-se o mistério da Sabedoria divina, que dá sentido ao sofrimento e à morte.

Job era um homem sozinho, despejado dos seus bens, privado da sua honra, do seu bom nome e prestígio. Mas, o que mais o isolava era a doença. De facto, a solidão dum doente é terrível, inexplicável, escandalosa. Ela tem diversas dimensões. Se a doença não é apenas uma incomodidade passageira, mas um estado de vida, chega a modificar profundamente a existência e o comportamento da pessoa. A doença diminui, por vezes drasticamente, a autonomia pessoal: o doente deve abandonar a sua atividade profissional e alterar drasticamente as suas relações com os outros. O seu universo torna-se pequeno: reduz-se à enfermaria, ao quatinho, ao sector do hospital onde se encontra,

ou então, se ficar em casa, às quatro paredes do quarto e da sala, à cama, ao corredor, a um curto passeio na rua ou no jardim, e pouco mais. A única janela aberta para o exterior é a rádio, a televisão, mas o mundo continua lá fora, alheado, indiferente, tão frenético e agitado como sempre. Também os projetos anteriormente acalentados, por vezes bem definidos e tão seguros, revelam-se, agora, inconsistentes. Tudo se concentra no instante que passa, na fragilidade do presente e talvez na esperança do amanhã.

O doente está só porque lhe fogem o mundo, a história, o tempo, as forças e a própria vida. A doença que sofre parece-lhe um enigma. A cura que deseja apresenta-se cada vez mais incerta. Ele, em certos momentos, perde o sentido da sua identidade pessoal: a vida que vive não lhe parece a sua. Os outros, os fortes, os saudáveis, visitam-no, procuram animá-lo, dar-lhe apoio, mas não experimentam o seu drama, estão de fora; a piedade que lhe manifestam não faz senão acentuar o seu pessimismo e a sua tristeza.

Também é verdade que muitos procuram desembaraçar-se dos dentes (como também dos idosos) e livrar-se de todas as preocupações. Os grandes hospitais são pródigos dos mais sofisticados meios médicos e cirúrgicos, mas quantos doentes, rodeados desta grande perfeição tecnológica, vivem uma atroz solidão, abandonados pela família e dos amigos? São cada vez mais frequentes os casos de famílias que se alheiam, quase completamente, daqueles que "depositaram" num hospital ou numa casa de saúde e que não os acompanham durante o internamento ou que, caso extremo, os não procuram nem o recebem, quando o tratamento chega ao fim.

São situações de total solidão, em que o médico por regra não penetra, porque a sua prestação não passa de uma relação puramente clínica; a proximidade da enfermeira (ou enfermeiro) poderá por vezes intui-las; será porém o sacerdote, se o souber merecer, a recolher a intimidade e a amizade do doente, a dar-lhe um apoio significativo, dizer-lhe uma palavra solidária e, sobretudo, dar-lhe a visão sobrenatural da fé, o testemunho cristão que o ajude a passar do desânimo à fé, ou de uma fé superficial para uma fé mais profunda; a passar do desespero, da revolta, do escândalo para a aceitação do mistério da cruz.

Os diminuídos físicos ou psíquicos ficam marginalizados não só a causa das suas limitações pessoais, mas também pela organização da sociedade. É a mentalidade dominante, a antropologia da produção e do

prazer que não lhes deixa lugar, tanto nas estruturas, como no coração dos homens.

A maioria dos cidadãos «normais» desconhece o grande esforço, a luta heroica que muitos diminuídos fazem todos os dias para se vestir, comer, dar alguns passos, realizar qualquer atividade. Para percebermos melhor, imaginamos o que seria circular na cidade onde moramos e resolver os nossos assuntos movendo-se numa cadeira de rodas ou com uma venda nos olhos.

Consideramos também as barreiras arquitetónicas das nossas cidades. Quase tudo está feito para os fortes e saudáveis. Para os diminuídos, subir a um comboio ou a outros meios de transporte é quase uma acrobacia; deslocar-se de autocarro ou de metropolitano em certas horas do dia é um esforço violento, que nem todos suportam; os cinemas, os teatros, as igrejas, as salas de reunião estão frequentemente precedidas de amplas escadarias; as portas, os ascensores, os interruptores são de uso difícil para os diminuídos. Vivem impedidos de participar diretamente na vida social dos demais.

Mas, não é este o principal obstáculo. As pessoas «normais» não desejam manter contactos com diminuídos, pensando que é o Estado que deve tomar conta deles. Mas, a assistência estatal, com a sua atuação fragmentária, não chega, de forma nenhuma, aos verdadeiros problemas dos diminuídos. Aperfeiçoa-se a logo-terapia, mas se ignora a personalidade do diminuído, os seus desânimos afetivos, numa palavra, o seu acolhimento como pessoa.

Hoje em dia não faltam homens políticos e até leis democraticamente aprovadas que pretendem inserir os diminuídos (mongoloides e espáticos) na escola normal. Mas consideram lícito suprimi-los durante a gestação, como se a sua existência não tivesse valor. Aqui reside a questão essencial, o problema decisivo. Como olhar para o diminuído, particularmente quando nele pouco ou nada parece haver de humano? Como evitar o risco de o excluir da vida social? De facto, com muita facilidade, os diminuídos são confiados no sistema assistencial organizado, em vez de os receberem como pessoas, para os abraçarem como irmãos (83-87).

6. Solidão e velhice

A situação dos idosos reveste características próprias. Em primeiro lugar o aumento numérico, graças ao progresso da medicina, à melhoria das condições de trabalho e ao aumento geral do bem-estar. A diminuição da natalidade, por outro lado, acentua ainda mais o envelhecimento da população. A sociedade ocidental parece marcada pelo medo da vida e pela perda da esperança.

Os dados demográficos recentes registam o envelhecimento da população. Para o futuro é inevitável que este envelhecimento incida cada vez mais na realidade social e económica. A família actual é composta, geralmente, por poucos membros, concentrada nos aglomerados urbanos, isolada e instável, e até mesmo frequentemente desagregada. Nela se repercutem a mentalidade materialista e consumista, a indiferença recíproca, a perda do sentido do amor gratuito e do diálogo.

Neste contexto, não admira que os idosos sejam considerados um estorvo, tomados como incómodos, supérfluos e inúteis. Por isso encontramos situações inaceitáveis de marginalidade, fontes de atrozes sofrimentos e de empobrecimento espiritual.

Consideremos de mais perto alguns dos fatores que estão na origem deste movimento de marginalidade. O primeiro deles é a ideologia produtivista, unicamente polarizada na eficiência e no lucro, para a qual a acumulação de bens tem mais importância que a vivência dos homens. Os idosos encontram-se numa situação particularmente crítica, tanto porque não produzem, numa época em que a produção e a rentabilidade são o grande imperativo, como também porque não consomem, no momento em que triunfa a sociedade do consumo. Além disso, vivem quase sempre na dependência dos outros, quer fisicamente, devido a doença ou pelo inevitável declínio das forças, quer social ou economicamente, sobretudo nas classes de nível económico mais baixo. Ainda são muitos os países desprovidos de previdência social adequada para a velhice, pelo que inúmeros anciãos acabam por encontrar-se num estado de cruel indigência, com reformas irrisórias e totalmente privados de meios para reclamar os seus direitos e exigir justiça.

Esta mentalidade produtiva e consumista associa-se a uma mentalidade de grosseiro hedonismo, que procura o prazer a todo o preço e repele o que se assemelhe ao esforço ou sacrifício. Exalta-se de modo unilateral a juventude, a beleza, a força física, a comodidade e o bem-estar

peçoal. Nesta perspectiva, os idosos são ainda relativamente apreciados, se tomarem conta dos netos, mas a experiência comprova que, cada vez menos, podem estar seguros de serem respeitados por estes, a partir de certa idade.

Normalmente os idosos causam «transtorno» aos planos de fim-de-semana e sobretudo para as férias de verão. Nesta altura os lares da terceira idade enchem-se, até os próprios hospitais registam uma extraordinária percentagem de internamentos. A convicção generalizada, embora nem sempre confessada, é que os velhos estão «a mais». É preciso que não incomodem, que sejam discretos, e até, se for possível, que não demorem muito tempo a morrer.

Mas, ainda antes da morte física, já acontece a «morte social», isto é, a inação forçada. Muitas pessoas que trabalharam na indústria ou em outros sectores, entrando na época da reforma, o sonho de tempo livre, tão desejado, transforma-se num pesadelo. Não têm nada para fazer, por isso são considerados inúteis. Também eles agora se consideram inúteis, devido à perda do anterior papel social. Interrompidos os laços com o antigo ambiente de trabalho, restringe-se também o círculo de amigos. Em seu lugar, cresce o sentimento de isolamento, não há outra alternativa.

Este sentimento de inutilidade torna-se ainda mais dramático com a privação da amizade e do verdadeiro afeto familiar. Multiplicam-se as «casas de repouso» ou «lares para a terceira idade» e diminui o número de famílias, onde convivem as três gerações, perdendo qualquer forma de relação recíproca. Independentemente das razões subjetivas, os «lares» institucionalizam a marginalidade, e simultaneamente desculpabilizam a sociedade.

Ninguém entra de bom grado num lar. A grande maioria só entra lá com grande sofrimento e quando não lhes resta nenhuma outra possibilidade. Em certos países subsistem ainda «esquálidos asilos», onde os idosos perdem qualquer dignidade. Hoje, é verdade, a maior parte dos lares estão equipados de todo o conforto, mas a impressão que se retira é sempre a mesma: «os velhos não querem lá ficar». O seu único desejo era ter uma família ou viver junto dela. Porque não há nada, nem o mais sincero afeto das pessoas que os venham a cuidar, que possa suprir à terrível sensação de ser posto a um canto, à amarga convicção de ser considerado inútil para sempre, esquecido ou abandonado pelos seus, sem nada para esperar, senão a morte.

Esta terrível situação revela uma grave perda do sentido da dignidade do homem. Quando em nome do consumismo e da eficiência, se dividem os homens em ativos e inativos, considerando estes como cidadãos de segunda categoria e abandonando-os à solidão, que significado pode ter ainda a dignidade humana?

Quando as leis dos povos mais «evoluídos» acolhem e promovem o extermínio da vida no seio materno e quando as famílias excluem do seu seio as pessoas do seu próprio sangue, pela circunstância inelutável de terem atingido a velhice, ou meramente as suportam como um peso inútil, não restam dúvidas de que nos encontramos diante, não só do esquecimento de Deus, mas do ocultamento do homem a si próprio.

Não podemos, contudo, esquecer que em certas zonas, nomeadamente na África e no Oriente, a velhice continua a ser reconhecida como um valor. O idoso não é excluído pela família, nem é suportado com um peso inútil, antes continua inserido na vida familiar, tomando nela parte ativa e responsável, embora devendo respeitar a autonomia da nova família. Ele desenvolve a missão preciosa de testemunha do passado e de inspirador de sabedoria para os jovens e de esperança para o futuro.

Por outro lado, é necessário ter em conta que o aumento do número de idosos decorre, em grande parte, dos progressos da medicina e do desenvolvimento dos serviços assistenciais, o que representa um grande esforço que deve ser valorizado positivamente. O problema reside, porém, em ter procurado unicamente a longevidade física, sem paralelamente promover a humanidade nela implicada. Não basta prolongar, graças aos recursos da técnica e da ciência, o número de anos de vida sobre a terra. É preciso que essa vida mais longa seja também mais humana, o que já não depende da ciência nem da técnica, mas sim do sentido que se atribui à própria vida. O mesmo é dizer que o mistério do homem necessita ainda hoje, talvez mais do que nunca, de ser decifrado. Também o homem contemporâneo precisa de Alguém que lhe revele, em toda a sua verdade, em toda a sua exigência e grandeza, o sentido do seu mistério pessoal e da sua vocação filial e fraterna. (87-92)

7. Solidão dos refugiados e emigrantes

Particularmente difícil e até mesmo trágico é o estado de abandono, a solidão pessoal e coletiva dos refugiados e dos emigrantes. Os refugiados são todos aqueles que, devido às suas opiniões políticas, aos

seus sentimentos religiosos, à sua etnia diferente, ou mesmo em consequência da ruína das guerras ou das revoluções, estão submetidos a tão grandes temores, pressões ou dificuldades de vida, a tais faltas de liberdade, ou mesmo a tais ameaças, que se veem praticamente constringidos ao exílio, longe da sua pátria, tendo de refugiar-se, por vezes com risco da própria vida, ou sujeitando-se a ficarem internados em campos, à espera de uma eventual pátria de adoção, onde por força devem retomar outro género de vida, desprovidos de todos os meios.

Desde sempre a história conheceu o problema dos refugiados. Mas hoje este mal tem-se agravado sensivelmente. É uma das pragas terríveis de que sofre o mundo actual, quase que os homens já não fossem capazes de reservar um lugar apto para os seus semelhantes. Estamos, com efeito, no século dos desalojados, que são hoje, em todo o mundo, cerca de 15 milhões ...

Seria interminável o elenco e a descrição de todas as situações particulares. Mas, é muito mais importante tentar penetrar na tragédia humana que devem suportar estas pessoas. Consideramos, por exemplo o que significa a separação brutal entre pessoas que se amam, que se pertencem, e só desejariam viver juntas (marido e mulher, pais e filhos). Na maioria dos casos, os núcleos familiares nunca voltarão a reconstituir-se. As circunstâncias da fuga ou as exigências dos locais de acolhimento conduzirão com frequência a um reagrupamento arbitrário, que acentua ainda mais a consciência da separação e da distância, crescendo a saudade pela terra que deixaram e a tremenda preocupação pelos seus familiares. A tudo isto devemos acrescentar as dificuldades de integração numa terra estrangeira, quase sempre indiferente, quando não hostil.

Algo de semelhante sucede também com os emigrantes, aqueles que deixam o país de origem para procurar melhores condições de vida e de trabalho num outro país. Emigrando, eles não só se afastam da comunidade nacional e cultural a que pertenciam, mas também, normalmente, dos seus familiares, do seu ambiente natural de amizade e relações sociais. Também aqui, além dos danos em sentido moral, quantas famílias dispersas, quantos casais separados, quantos filhos que vivem longos anos sem a companhia dos pais, quanta solidão, ora revoltada, ora resignada, mas sempre percorrida por um vivo desejo do reencontro, que às vezes, só acontece demasiado tarde.

Qual será a meta deste inquieto peregrinar do homem sobre a terra, qual a casa em que a família humana poderá reconstituir-se, qual a pátria que

finalmente acolherá os prófugos deste mundo, atingindo o sossego e a paz que tão ansiosamente desejaram? (92-94)

8. Solidão e regimes opressores

Não só sobre os indivíduos, mas também sobre povos e culturas. No mundo atual conhecemos muitas sociedades demograficamente reduzidas, interiormente divididas ou debilitadas, que correm o risco da extinção, por exemplo os índios da Baixa-Califórnia ou do Brasil. São sobejamente conhecidas as técnicas de destruição, que vão desde os massacres generalizados à reclusão em reservas, passando pela assimilação compulsiva e pela esterilização.

Noutros casos, a "solidão colectiva" manifesta-se em povos evoluídos, mas sujeitos também, por vezes durante séculos, ao domínio de uma potência superior. Trata-se da situação dramática de povos que tentam rebelar-se para reconstruir a sua identidade, mas recaem em seguida sob uma nova e mais grave sujeição, como um naufrago que, depois de cada tentativa para vir à superfície, se sentisse apanhado pela nuca e de novo impiedosamente submergido.

O confronto com o poder brutal de regimes opressores, tanto de ordem política, como militar ou económica, revela uma nova dimensão da solidão humana. Pensamos o que significa para um indivíduo, para um homem estar diante de uma estrutura onnipotente, em que nada mais conta senão a ideologia, o Estado, a Classe ou o Partido. Nos regimes totalitários, a única possibilidade é pensar como o regime, identificar-se docilmente com as suas directivas, ou então, não pensar, não agir, desaparecer - ou ser eliminado.

Que dizer dos milhões de homens que, num passado recente, experimentaram o peso intolerável de um campo de concentração? A dignidade e o mistério da pessoa não têm rigorosamente nenhum significado para aqueles que detêm todo o poder. A solidão radical é esvaziada de tudo o seu conteúdo e, em vez dela, unicamente resta a solidão brutal da perda aparente do sentido e da esperança. Eles experimentaram uma completa solidão. Olhando em redor, não seria impossível encontrar um apoio, um amigo, nos companheiros de infortúnio e, por vezes até mesmo uma heroica solidariedade (Maximiliano Kolbe). Por outro lado, muitas vozes certamente se ergueram para Aquele "que tudo pode", mas aquela máquina infernal, quantas vezes não pareceu levar a melhor? Quantas vezes o que há de

irreduzível no homem não pareceu fundir-se no nada, perder-se irremediavelmente entre as fauces do Monstro que se julgava invencível?

Ainda um outro exemplo, retirado da história mais recente. Depois da tomada de poder pelos kimers vermelhos, em Abril de 1975, todo o povo do Camboja foi objeto de uma deportação coletiva, que obrigou a população inteira a abandonar as suas casas, aldeias e cidades, segundo um plano pré-estabelecido. Imensas multidões de homens, mulheres e crianças, num desfile interminável, partiam sem meta e caminhavam dias a fio, lentamente, para um destino que não conheciam, deixando atrás de si povoações desertas, casas abandonadas, e tudo o que possuíam. Ao fim de dez dias de caminhada, os alimentos que tinham podido levar lá se haviam esgotado, e as bagagens estavam reduzidas ao mínimo. Completamente esgotado, despejado de tudo, perdida toda a esperança, o indivíduo já não é capaz de opor resistência. Está pronto a fazer o trabalho para o qual o destinam, para receber a escudela de arroz que lhe prometem em troca. Sob um cruel regime de terror, não poderá esboçar um gesto, nem dizer uma palavra que não seja segundo a linha imposta. Sem nada em que se possa apoiar, está necessariamente à disposição do partido, que fará dele o que entender, com a certeza de não encontrar resistência.

A pessoa não é mais do que uma peça ao serviço de uma organização impiedosa. Vive num medo atroz e sem possibilidade de fugir ao sistema, porque tudo, gradualmente se torna coletivo: o trabalho, a alimentação, os divertimentos, a educação, a política. É a morte do homem como indivíduo, o extermínio da pessoa, a anulação sistemática de toda a sua dignidade e direitos.

O coletivismo revela assim o seu verdadeiro rosto desumanizador. Com ele a solidão pessoal e social é tanto mais acentuada, quanto mais radical e destruidora. (94-98)

9. A solidão da morte

Todas as formas de solidão que considerámos até agora - solidão que não é procurada voluntariamente, mas apenas suportada ou imposta - vem agora juntar-se aquela que a todas compendia e concentra, a solidão da morte. Em face da morte o enigma da condição humana adensa-se. Com ela a solidão do homem aparece completa, definitiva, irrevogável. A morte apresenta-se como a vitória da solidão. Todos os

laços contraídos até agora dissolvem-se. O caminho percorrido fica suspenso. Todas as solidariedades interrompem-se. Nesse instante o «eu» fica sozinho diante da morte, da «sua» própria morte, onde mais ninguém pode penetrar.

Apesar da evidência da morte, da sua onnipresença, a sociedade ocidental parece apostada em escondê-la, em esconder-se da morte, em despojá-la de toda a relevância e significado individual e social. Mas o único resultado é uma solidão ainda mais acentuada, mais cruel, mais indigna do homem.

Outrora, e durante muitos séculos, o doente era informado da proximidade da morte, e habitualmente ele próprio poderia pressenti-la, num tempo em que qualquer doença um pouco mais grave era quase sempre mortal. Nada era tão receado como a morte súbita, não só porque não permitia o arrependimento, mas também porque privava o homem da sua própria morte.

Em circunstâncias normais e quando o doente não se apercebia, outros o deveriam advertir: um familiar, um amigo mais íntimo ou mesmo médico. E, em proximidade da hora da morte, toda a família, incluindo as crianças, desfilavam no quarto do doente para lhe pedir perdão, para receber a sua bênção e para lhe dar o último adeus. O doente declarava as suas últimas vontades e tinha também a possibilidade para se confessar e receber a Unção dos enfermos e a Comunhão. A morte, com a sua impenetrável solidão, encontrava-o, por quanto possível, preparado, acompanhado, humana e espiritualmente confortado.

Hoje, pelo contrário, tudo se faz para que o doente não se aperceba da proximidade da sua morte, ou que, pelos menos, continue a proceder como se não o soubesse. Objetivo primordial: evitar o dramatismo, reduzir as emoções, encarar a morte como um banal acidente, um momento sem consequências. Um aceitável estilo de ausentar-se; uma maneira conveniente de terminar a vida, afastar-se com discrição, sem incomodar demasiado. Se for diferente, a morte introduziria na normalidade quotidiana, um insuportável embaraço, porque a morte, hoje em dia, é uma grande tabu, e seria feio e desagradável falar em público. Levantaria perguntas às quais o homem contemporâneo, desinibido, liberto e evoluído, não quer nem saberia responder.

Com o urbanismo e o desenvolvimento da medicina, a morte tende a transferir-se de casa para o hospital. Aumenta o número dos que morrem sozinhos, quase às escondidas, no hospital, na casa de saúde,

no asilo, diante de um pessoal médico anónimo, tecnicamente interessado, mas humanamente indiferente. São muitos também os que morrem sozinhos em suas próprias casas. Num país como a França 10% dos adultos ignoram se os pais estão vivos. Nas grandes cidades, muitas pessoas encaram a morte sozinhas, sem ninguém que mostre um mínimo interesse para eles, nem aqueles que vivem no seu lado, no mesmo prédio.

Mas esta solidão não faz parte da morte. Foi acrescentada pelo homem, à medida que este foi perdendo o sentido da morte e, em consequência, o sentido da vida. O esquecimento do sentido da morte arrastou consigo também o esvaziamento da vida e a sua desumanização.

A solidão própria da morte é de outra ordem, é muito mais profunda, supera em muito os planos biológico, sociológicos e psicológicos. Subsistirá em todos os homens, mesmo naqueles que terminem os seus dias envolvidos pelo carinho e pelo afeto dos seus familiares e amigos, ou pela caridade sobrenatural dos seus irmãos na fé. Nada há neste mundo que a possa colmatar. Uma vez que só Jesus Cristo lhe poderá dar sentido.

A morte separa dos outros, corta toda a forma de diálogo, rompe qualquer ligação afetiva. Ela deixa o sentimento numa ausência que poderá ser esquecida, mas nunca preenchida. A primeira experiência da solidão da morte é, portanto, «a minha solidão» diante da morte do outro, que morre sempre antes de mim e diante de mim. O outro que eu amava, que já não está aqui, afastou-se de mim, não fala, não responde, desapareceu para sempre, eu fico sozinho. É uma experiência estranha, desconcertante, humanamente intolerável, que me toca no mais profundo de mim mesmo.

Por outro lado, com a morte do outro, antecipo também, de algum modo, a «minha» própria morte, porque com ele morre uma parte de mim. Não voltarei jamais a ser o mesmo. A comunhão que nos ligava pertencia à minha existência. Não obstante, há algo em mim que morreu com a sua morte, não morri a sua morte. A morte do outro é uma experiência absolutamente impenetrável, porque cada homem morre sozinho, sem intermediários, nem companheiros de viagem, porventura assistido, mas nunca substituído.

Ninguém poderá tomar o seu lugar, viver a sua vida ou morrer a sua morte. Os vivos podem-no acompanhar até ao último respiro e ele pode sentir-se acompanhado por eles. A comunhão dos santos,

misteriosamente, nos une e acompanha pela fé em Cristo. Mas cada um «sozinho» atravessará a porta estreita da morte.

No seu indecifrável mistério, a morte do outro ensina, portanto, o que será a «minha» própria morte. Cada homem fica só diante dela. Estará só no momento da verdade, na presença de Deus, sem vestimentas nem fardes, na mais completa nudez e solidão. Passar pela morte é passar pela absoluta solidão, romper com o mundo inteiro. A morte é rutura do ser. Ela interrompe todos os laços e qualquer contacto com os outros, é o isolamento completo.

O que resta a perguntar é se a solidão da morte é definitiva e eterna. Se for assim, já não seria solidão, mas aniquilamento total. Se, pelo contrário, há vida eterna, então a morte é uma passagem para uma nova forma de comunhão que ultrapassa infinitamente os limites deste mundo. É esta a pergunta decisiva, crucial, da qual depende inteiramente sentido da vida. Porque a vida tem o sentido que damos à morte.

Se a morte é entrada para uma nova vida, o homem pode esperar e aspirar por essa vida. Pelo contrário, que sentido pode ter a vida, se esta inevitavelmente deve terminar pelo naufrágio completo das suas aspirações e projetos? Se a morte não tem sentido, também a vida não tem sentido. O que importa saber, mais do que tudo, é se a morte é uma solidão que se encerra em si mesma, na destruição definitiva do ser, ou se, pelo contrário, dá acesso a um novo estado de vida que jamais na terra seria possível alcançar. A morte será o fim de toda a comunhão, ou é uma passagem para uma nova e mais perfeita comunhão?

* Conclusão

Acabamos de considerar diversas modalidades de solidão suportada ou imposta. O quadro descrito contempla as situações mais características da nossa existência, até a solidão impenetrável da morte. Tanta solidão confluirá no desespero ou na esperança?

Não é este ainda o momento da resposta, mas já é possível discernir alguns sinais de luz neste céu carregado de trevas. Há sinais de esperança, que não mencionamos diretamente, mas que o olhar atento pode adivinhar. Os doentes, os idosos, os diminuídos são frequentemente postos de parte, mas não lhes falta quem lhes dedique, com grande generosidade, sem olhar a esforços, gratuitamente, o seu tempo e carinho. No despotismo violento e opressor que humilha a

dignidade essencial da pessoa, podemos encontrar pessoas que solidários, não recusaram o dom da própria vida pelo amigo (como fez Maximiliano Kolbe). E a morte, essa solidão impenetrável, em que todos os vínculos se interrompem, deixa espaço a uma Presença que enche de paz e de esperança.

Estes sinais a que brevemente acenamos, garantem-nos que a resposta existe, e tem poder para vencer até a mais espessa solidão. A menos que o próprio homem a recuse, e se feche na negação e na rutura. (98-102)

CAPÍTULO QUARTO

A SOLIDÃO COMO SEPARAÇÃO

1. Egoísmo e pecado como solidão procurada

Esta forma de solidão, expressão do egoísmo, é um isolamento voluntário que desabrocha na separação e na rutura. O indivíduo isola-se, fecha-se em si próprio, nas quatro paredes da sua autossuficiência. Assume uma atitude defensiva e agressiva. Não dá nada, nem se dispõe a receber. Todas as tentativas de o aproximar embatem-se numa couraça impenetrável. Ele reage com azedume e falsa ironia. A sua presença divide, desagrega; exercita-se na crítica, despreza e é desprezado.

É uma atitude frequente em pessoas desiludidas por um fracasso que não foram capazes de assumir ou superar, e que passam a comportar-se como vencidos da vida. Perderam a esperança, e não parecem tolerar que outros a mantenham. Já não estão dispostas a dar, nem a receber. Cortaram com os outros, não dialogam, porque pretendem ter sempre razão. Desconhecem o silêncio fecundo, só exibem um mutismo vazio e obstinado, ou uma loquacidade estéril, agressiva, impaciente.

A solidão é fecunda: prepara o encontro com o outro. O isolamento, em vez, não tem espaço, nem disponibilidade para o acolher ou procurar. Um indivíduo isolado já não escuta, cortou deliberadamente todo o relacionamento. Este corte, sendo ele voluntário, é uma forma de egoísmo, que na linguagem religiosa chama-se «pecado».

O pecado é uma desordem, um ato irracional que contraria a natureza relacional do homem, um impedimento que paralisa a realização do

homem como pessoa. Mas sobretudo, o pecado é, no seu significado mais profundo, uma «rotura com Deus».

O pecado é uma fratura entre a vontade de Deus e a vontade do homem: a pretensão de fazer conscientemente o que Deus não quer, de amar o que Deus não ama, de conhecer fora da sua luz e da sua verdade. Pecar significa fechar-se, afastar-se de Deus, isolar-se da Sua amizade, separar-se voluntariamente da sua comunhão. É uma rotura com Deus, uma desobediência a Deus que, nas diversas formas, pode chegar à negação de Deus. É o pecado de ateísmo: o homem, com um ato da sua liberdade, não reconhece o senhorio de Deus sobre a sua vida. Mesmo que não chegue a negar a existência de Deus, é o ateísmo prático: viver como se Deus não existisse.

O pecado é, em última análise, é um isolamento escolhido, é um amor rejeitado e, no sentido integral, uma aversão voluntária ao próprio Deus. Trata-se de um individualismo absurdo que leva ao abandono da casa paterna, ao esbanjamento da herança, à perda da dignidade de filho (cf. Lc 15,11-32). Pelo pecado, o homem corta os laços com Deus e fica só consigo mesmo, alienado do seu destino e da sua vocação, desviado do seu fim último. O pecado é sempre "rotura". Por isso, ele nunca é um ato banal, comporta sempre um efetivo afastamento de Deus.

O pecado, é também rotura da comunhão fraterna da Igreja. A Igreja é uma comunidade de pecadores em caminho de conversão. A Igreja, por sua natureza, é santa, mas é formada por pecadores. Quando um cristão peca, com isso se isola da comunhão com Cristo e com a Igreja.

Todavia o homem nunca está definitivamente perdido. Está sempre aberto para ele o caminho do regresso. Mas hoje, a diferença do passado, fala-se de perda do sentido do pecado. É como dizer que o homem fica preso na prisão do seu isolamento. Podemos falar de apagamento do sentido do pecado, porque não se trata simplesmente de uma falha individual: o sentido do pecado, mais do que perdido pelos indivíduos, foi cuidadosamente apagado da cultura. Por outro lado, esta perda ou apagamento relaciona-se com um outro fenómeno, mais profundo e radical, a perda do sentido de Deus, do qual efetivamente depende.

Quando não se admite a gravidade relacional do pecado como ofensa a Deus, já não há pecados, mas somente «erros», «equívocos», «contradições», por conseguinte, não há arrependimento, mas apenas

«correções» e, em certos casos, «autocrítica». Esta situação, pode conduzir para um sentimento de culpa, que não liberta o homem.

O conhecimento do pecado, ou pelo menos a secreta inquietação do pecador, que não o deixa tranquilo, que o entristece e humilha, são, portanto, uma primeira condição para encontrar a possibilidade de uma verdadeira libertação. Situando-se em relação com Deus, a quem sabe ter ofendido, o homem, toma consciência de ser separado, mas pode confiar na misericórdia e no perdão que reconstrói a comunhão com Deus e com a Comunidade. (103-108)

2. Esquecimento de Deus, ateísmo e solidão

Considerado pelo Concílio Vaticano II como um dos fatores mais graves do tempo atual, o ateísmo é uma forma extrema de isolamento, que caracterizam o homem contemporâneo. É uma realidade complexa, que vai desde a negação explícita de Deus, à pura indiferença, ao completo alheamento, até relegar a existência de Deus para um passado obscuro e remoto.

O ateísmo pretende que, expulsando de si e da sociedade a consciência de Deus, o homem seja senhor do seu próprio ser: para salvar o homem é preciso eliminar Deus. A cultura moderna pode-se classificar como «neopaganismo prático» e consiste na recusa explícita de Deus, ou pelo menos, no seu esquecimento sistemático. Hoje, pela primeira vez, na história da humanidade, o ateísmo tornou-se um fenómeno e um comportamento de massa.

Não se trata sempre de uma verdadeira «opção» ou de uma atitude conscientemente assumida. Nietzsche não ignorava que a «morte de Deus» trazia como consequência o desorientamento do homem. Hoje, porém, muitos homens vivem a ausência de Deus sem grande dramatismo, como um facto banal, que não refletem nem discutem, como se fosse possível afastar-se de Deus e não lhe sentir a falta

O ateísmo, ou melhor, a indiferença religiosa, entrou na normalidade da vida, tomando tranquilamente o lugar de um cristianismo «cultural» de outros tempos. Uma mudança cultural, saudada como expressão de progresso e crescimento, mas que, de facto, não revela qualquer indício de maturidade ou de verdadeira liberdade. Antes, esta indiferença generalizada despoja o homem da sua profundidade para viver apenas a dimensão do homem «economicus», «tecnicus», ou «politicus» e, de certo modo, a dimensão do «homo ludens».

Deste modo, o homem já compreende que não é possível viver sem Deus. As grandes questões, como o sentido da vida diante da inelutabilidade da morte, são facilmente eludidas, adiadas, seja pelo ritmo agitado e frenético da vida quotidiana, seja ainda por ideologias coletivistas de vária índole, que dissolvem o indivíduo na estrutura social, presente ou futura.

O ateísmo é sempre um erro, que envenena a inteligência, ameaça para a saúde psíquica, mesmo quando o homem é moralmente inocente. A negando de Deus, conduz o homem para um isolamento de consequências incalculáveis. Interrompendo o diálogo com Deus, o homem perde também o contacto consigo mesmo e, também, o sentido último da sua existência. De facto, o ateísmo não é simplesmente uma negação de Deus, mas também um estado espiritual da pessoa. O ateu é um homem persuadido que com morte termina, também, a sua existência.

O homem que exclui a presença de Deus da sua vida cai no isolamento. O ateísmo derruba todas as pontes e suprime todos os caminhos de regresso. O pecado conserva, até ao último instante, a possibilidade do arrependimento e do perdão. O ateísmo, pelo contrário, não admite alternativas: deixa o homem só consigo mesmo, irremediavelmente só.

Tirando a existência de Deus «tudo é permitido». O homem está ao abandono porque não encontra em si, nem fora de si uma possibilidade de agarrar-se. Ao passo que o crente se agarra a Deus, o ateu encontra-se só consigo mesmo, sem um ponto firme e seguro onde possa apoiar-se ou fixar-se. O drama do nosso século, segundo a análise de Camus, é o seguinte: com a morte de Deus na consciência do homem, este ficou sozinho no mundo. A sua vida já não tem sentido definitivo. O homem ficou o único responsável pela própria vida, não depende de ninguém, nem de Deus, mas nada o poderá libertar da angústia de ser apenas homem, com toda a carga de solidão que isto comporta.

O ateu, não pode contar com um Interlocutor Absoluto e Eterno, mas igualmente deve enfrentar, atónito, a indiferença do universo, o gélido silêncio dos espaços infinitos e as contradições da existência. Perdendo o contacto com o princípio último do Universo, com o seu mistério mais íntimo, é privado daquela «sabedoria» que os faria ver mais longe e mais fundo.

O homem considera-se cada vez mais como senhor do universo. Mas quanto mais domina a matéria e a submete, também, violenta-a, até

provocar antecipações apocalípticas. Este mundo mecanizado que o homem domina, não é uma realidade com a qual ele possa dialogar. Quanto mais o homem se lança para os limites do universo, mais profundamente experimenta a sua solidão.

A morte de Deus na consciência do homem traz consigo, inevitavelmente, a morte do homem. O homem tem medo porque experimenta a estreiteza e a fragilidade do seu próprio ser, realidade que lhe é impossível superar racionalmente. Tem medo, enfim, porque já não consegue criar uma e efetiva comunhão capaz de vencer as barreiras deste mundo, no qual se encontra sempre encerrado.

A solidão da ausência de Deus, precisamente porque é também negação em ato da essência mesma do homem é uma violência intolerável. O crente, mesmo quando débil, nunca está, como veremos, inteiramente só, sem recursos. Mas, o ateio, conhece a solidão em estado puro, uma solidão desumana, porque se encontra privado da relação que lhe era mais fundamentalmente devida.

3. A solidão total do inferno

O ateísmo suprime do seu horizonte o diálogo com Deus, pelo simples facto de que nega a existência de Deus. Contudo, até esta negação pode dar lugar ao reconhecimento de Deus e à abertura para a fé, do mesmo modo que, para o pecador, permanece aberta, até ao último instante, a porta da penitência e do perdão.

Uma e outra forma de solidão, situando-se no âmbito da temporalidade, conservam a possibilidade da mudança, isto é, daquela mudança de espírito, de mente e de vida que na Bíblia é designada por «metanoia», ou seja, conversão.

Mas esta conversão pode também não ter lugar, de tal modo que, tanto a negação de Deus, como a recusa da relação com Ele, se confirmem como a atitude última e definitiva, penetrando, com a morte, para lá do tempo, isto é, na própria eternidade: é a solidão extrema do inferno (Mt 7, 23; 10, 33).

A única infelicidade irreparável é mesmo a seguinte: encontrar-se um dia sem arrependimento diante de Deus. Em vez do arrependimento, o homem fixa-se na negação; em vez da comunhão, no isolamento terrível do inferno. Nesta situação, o homem, perdeu a capacidade de receber e de dar. Além disso, a sua escolha é irrevogável. Já não há

arrependimento. Ele recusaria o perdão, mesmo que este lhes viesse oferecido.

Como privação perpétua de Deus, o inferno é, portanto, a solidão extrema, desesperada e dolorosa, sendo o homem feito para a Presença, para a comunhão eterna. Não é concebível outro estado de maior esvaziamento, de mais completo isolamento, de mais terrível sofrimento. Com a perda de Deus, o condenado perde todo o bem. Daí a dor suprema, ou a consciência do mal total, que acompanha a ausência de Deus. Uma dor sem esperança e sem consolação. É o desespero supremo, e também o remorso supremo, porque essa rejeição voluntária é agora, inexoravelmente e em toda a sua extensão comparada com felicidade perdida.

Esta eterna solidão é mais horrível do que o puro nada. É precisamente o oposto da solidão harmoniosa ou fecunda, porque no inferno não há recolhimento. Os condenados estão exilados, não só de Deus ou dos outros homens, mas até de si próprios. Já não há possibilidade de reconciliação, nem da mais leve intimidade, mas só uma tortura tremenda.

A cumplicidade no mal, não trará senão um abismo de ódio e solidão sempre mais cavado e profundo, visto o mal não torna ninguém solidário de ninguém, mas sim mais solitário.

A solidão como separação, escolhida, obstinada, impenitente, pode conduzir a esse extremo isolamento, não só em relação aos outros homens, mas ao próprio Deus. Por mais terrível que apareça, a verdade é que existe a possibilidade de perder o sentido da vida. E esta perda não se limita apenas ao caminho transitório sobre a terra, mas de forma definitiva, na medida em que o homem o recusar. O homem pode agir conscientemente contra o sentido último da própria existência: embora chamado à mais perfeita comunhão, pode escolher a solidão eterna. Em vez da amizade de Deus, pode preferir o pecado, em vez da bem-aventurança do Céu, pode querer, por quanto inconcebível apareça, a desolação e o desespero do inferno. O homem que se isola, que procura a solidão do egoísmo ou do pecado, precisa, clamorosamente de ser salvo.

O homem é «viador» e é nesta condição de peregrino que lhe cabe decidir. Porém é agora que ele precisa, enquanto é tempo, de se abrir à salvação. E esta é-lhe oferecida para além de tudo o que poderia conceber e imaginar. (116-119).

CAPÍTULO QUINTO

A SOLIDÃO NO MISTÉRIO DE CRISTO

Introdução

A vida e ministério do Filho de Deus entre os homens aparece assinalada pela mais intensa comunhão humana e divina, mas ao mesmo tempo por uma peculiar solidão, que se manifesta, particularmente, na hora derradeira da agonia e da morte na cruz.

1. O mistério da encarnação

A primeira dimensão da solidão assumida por Jesus Cristo é da ordem do ser, enraíza-se no próprio mistério da encarnação. Em sentido exclusivamente ontológico devemos sublinhar a novidade absoluta que caracteriza a pessoa de Cristo, perfeito homem e perfeito Deus. Por isso podemos dizer que, desde o primeiro instante da Sua existência no seio de Maria, está só, porque é único, no sentido mais exato da palavra. O Unigénito de Deus une a natureza humana à sua natureza divina, na unidade pessoal do Verbo, o que manifestamente não tem precedentes nem possíveis termos de comparação.

Tal é, por assim dizer, a solidão «ontológica» que caracteriza o mistério de Cristo. À semelhança dos outros homens, também no caso absolutamente singular de Jesus Cristo esta dimensão essencial refletir-se-á em toda a sua vida. O Salvador dos homens nasce em absoluta pobreza e em perfeita solidão, e não se vê como pudesse ter sido de outro modo. Dir-se-ia que a Solidão ontológica de Jesus, a sua novidade irreduzível se espelha nessa solidão física que O envolve no presépio de Belém, que não é ainda incompreensão endurecida da parte dos homens, não é ainda rejeição formal, como virá a ser mais tarde, é apenas ausência, é apenas congénita impreparação, é a radical incapacidade humana para acolher o Filho de Deus, que penetra na história envolvido no mais inconcebível despojamento.

A pouco e pouco, alguns homens acorrerão, de proveniências e condições muito diversas, mas aquela «primeira noite do Filho do homem encerra já em si um longínquo presságio da noite derradeira, quando Ele «se humilhou, fazendo-se obediente até à morte» (Filip 2, 8)».

2. Jesus e as multidões

Esta irrupção do Reino, particularmente quando atestado por sinais e prodígios, não poderia deixar de atrair as multidões, pelas quais Jesus se vê frequentemente rodeado. Em seu favor opera milagres e anuncia a Boa Nova do Reino de Deus. As multidões maravilhavam-se com a sua doutrina porque as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas (Mt 7,28-29).

Jesus não fica indiferente perante as multidões: ao vê-las, «compadeceu-se delas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36). A compaixão «pastoral» de Jesus era precisamente o que O levava a superar o anonimato, que, de maneira inevitável, subsistiria em qualquer encontro com as multidões. A sua missão caracterizava-se, sem dúvida, por uma dimensão comunitária, no mais exato sentido da palavra, uma vez que se destinava a congregar e edificar a Igreja do Novo Testamento, mas isso mesmo não excluía, antes pelo contrário, implicava uma relação pessoal com cada um dos homens por causa dos quais fora enviado.

O seu alcance ilimitado transparece já e realiza-se em cada um dos inúmeros encontros individuais, muitas vezes a sós, fazendo apelo ao que havia de mais pessoal e profundo nos seus interlocutores.

De entre esses encontros poderia citar-se, em primeiro lugar, o diálogo com Nicodemos, que «veio ter com Jesus, de noite» (Jo 3, 2) e, para além do que poderia prever, foi introduzido por Jesus no dinamismo do novo nascimento segundo o Espírito (3, 3-8). Ou também o colóquio com a Samaritana (Jo 4, 1-26), que vinha simplesmente tirar água, e que «ficou admirada por um judeu lhe pedir de beber, coisa que não costumavam fazer os judeus. Recorde-se também o inesperado convite a Zaqueu, a quem uma misteriosa inquietação levava a subir a um sicómoro para ver Jesus. Ou, por fim, o encontro com o jovem rico (Mt 19, 16-22).

Na linguagem das parábolas, trata-se do zelo ardente do verdadeiro pastor que, possuindo cem ovelhas e tendo-se perdido uma, não hesita em deixar as noventa e nove sobre os montes para ir em busca da que anda perdida (Mt 18, 12). «E, se conseguir encontrá-la, em verdade vos digo que se alegra mais por ela, do que pelas noventa e nove que não se desgarraram» (Mt 18, 13). Cada uma das ovelhas vale todo o cuidado e todo o esforço do pastor, que, aliás, não só as procura e as conduz, mas dá a vida por elas (Jo 10, 11). Daqui uma relação de mútua

reciprocidade e incomparável intimidade: «Eu sou o Bom Pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas conhecem-me. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; Eu conheço-as e elas seguem me, Eu dou-lhes a vida eterna jamais perecerão e ninguém as arrebatara da minha mão» (Jo 10, 14.27-28).

A solidão da indiferença, do desinteresse, do mútuo alheamento e aqui completamente superada. O Unigénito Filho de Deus trata cada homem como único, conhece a cada um pelo seu nome.

3. A oração de Jesus

Antes, porem devemos ainda aprofundar o sentido da solidão voluntária de Jesus, que se manifestava mais que nunca quando se separava dos homens para se dedicar a oração. No apogeu da sua fama, em que de toda a parte as gentes afluíam para O ouvirem e serem curadas das suas enfermidades, Ele retirava-se para lugares desertos para rezar (Lc 5, 15-16). Antes de iniciar um longo período de peregrinações apostólicas através da Galileia, «de madrugada, era ainda escuro, levantou-se, saiu e retirou-se para um lugar deserto onde se pôs a rezar (Mc 1,35).

Também a escolha dos Doze foi precedida, segundo S. Lucas, de uma inteira noite de oração solitária: «Naqueles dias, foi a montanha para fazer oração, e passou toda a noite a rezar a Deus. Ao amanhecer, chamou os seus discípulos e escolheu doze de entre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos» (Lc 6, 12-13). Não admira, pois, que Jesus recomende, àqueles a quem revela o espírito novo do Reino de Deus, esta mesma solidão destinada à oração: «Quanto a ti, quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta, e reza a teu Pai, presente no segredo. E teu Pai, que vê no segredo, te dará a recompensa» (Mt 6, 6).

Esta extensão aos discípulos da forma solitária de rezar que é própria e característica de Jesus, poderia fazer pensar que se trata apenas de uma nova técnica, contrastante com as práticas que predominavam no seu tempo, mas situando-se no mesmo plano, isto é, no plano formal dos «métodos de oração». Mas não é isso, evidentemente, o que aqui nos é dado entender. A solidão da oração de Jesus exprime e manifesta a sua «solidão original», o mistério único do seu ser, a sua relação sem igual com o Pai, como Filho de Deus feito homem e, em consequência, a sua pessoal identificação com a missão que o Pai lhe confiara.

A oração solitária de Jesus não pode, portanto, ser entendida em chave meramente psicológica, mas unicamente ontológica ou, mais

propriamente, teológica. Segundo a lógica da Encarnação, trata-se de uma privilegiada expressão da eterna intimidade entre o Filho e o Pai, na comunhão pessoal do Espírito, diálogo que jamais foi interrompido, que permeia toda a existência humana do Verbo Encarnado.

Se, por sua vez, também os discípulos são exortados a «rezar no segredo», é fundamentalmente por motivo da sua elevação em Jesus Cristo à condição de filhos adotivos. A oração dos discípulos é expressão e ao mesmo tempo realização da sua própria condição filial, e por isso a sua dimensão mais profunda não pode também, como a de Cristo, deixar de ser oculta e feita em solidão, isto é, manifesta apenas aos olhos de Deus e só por Deus, verdadeiramente conhecida.

4. Chamamento e missão dos Apóstolos

Segundo a narrativa do Evangelho de S. João, o seguimento dos primeiros discípulos baseia-se, e, de certo modo tem já o seu início, num primeiro encontro com Jesus induzido e possibilitado por este singular convite «Vinde e vede» (Jo 1,39).

Relativamente a esse momento original os Sinópticos sublinham que o chamamento de Jesus trouxe consigo uma completa mudança de vida e um radical despojamento por parte dos chamados que, deixando as redes, o barco e o pai, imediatamente seguiram o Senhor (Mt 4, 20, 22).

Em consequência da vocação recebida, estes homens destacam-se por completo da vida que levavam separando-se do próprio ambiente de trabalho e de família em que até então tinham vivido. São escolhidos de entre a multidão, o que significa que a sua vocação traz consigo uma peculiar solidão, um sair da medida comum para seguir a Jesus Cristo numa relação de absoluta exclusividade: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim» (Mt 10,37) - o que não se aplica somente aos apóstolos, em sentido estrito, mas, necessariamente a todos os cristãos.

Jesus chamou a si os que Ele quis, e constituiu os doze para que estivessem com Ele (Mc 3,14). Eles tiveram uma intimidade particular com Jesus Cristo: «Já não vos chamo servos ... mas amigos» (Jo 15,15). A seguimento de Cristo levá-los-á a partilhar o mesmo destino: «Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mc 8,34). Trata-se de um seguimento ao qual não poderão ser postos limites: se o for de verdade, conduzirá necessariamente até à cruz.

A existência de Jesus é, pois, impensável sem esta partilha com os homens. E, no entanto, há em Jesus Cristo algo que não pode, em absoluto, ser partilhado, em razão da incomunicabilidade essencial e original da sua pessoa e da sua missão. Trata-se de um paradoxo insolúvel, contudo, Jesus percorrerá inteiramente só o caminho da agonia e da cruz.

5. O anúncio da Cruz e o adensar da incompreensão

No momento da cruz mais se adensa a incompreensão da pessoa e do mistério de Cristo. Esta incompreensão verificou-se em todos os momentos da sua existência terrena. Nas suas duas grandes partes essenciais do evangelho de Marcos, do início até à confissão de Cesareia (1,14-8,26) e desta até a morte e ressurreição (8,27-16,20), com extraordinária intensidade, é apresentado o problema da verdadeira identidade de Jesus: nem as multidões, nem sequer os discípulos conseguiram penetrar neste segredo. Só a Ressurreição inundará de luz este mistério e, desde então, é na Igreja que ele poderá ser conhecido.

Até lá, porém, o evangelista insiste na incompreensão com que os milagres e os ensinamentos de Jesus foram recebidos por aqueles que os presenciavam e ouviam: «De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? Não é este o carpinteiro, o filho de Maria? (...) (Mc 6, 2-3). E o próprio Jesus «admirava-se da incredulidade daquela gente" (Mc 6, 6).

Os mesmos apóstolos, destinatários de um ensinamento especial de Jesus (4, 10-11), «no seu íntimo estavam cheios de espanto, pois não tinham entendido nada a respeito do milagre dos pães, porque o seu coração estava endurecido» (Mc 6,51-52).

O episódio de Cesareia de Filipe assinala uma grande viragem, e inaugura a segunda parte do Evangelho: Pedro reconhece a dignidade messiânica de Jesus e proclama-a em nome dos doze (Mc 8,27-33; Mt 16, 13-20; Lc 9,18-21). A partir da confissão de Pedro, Jesus começa a revelar a verdadeira face do seu messianismo: «Começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muito, e fosse rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes, e pelos escribas e fosse morto» (Mc 8,31).

Depois do primeiro anúncio da sua paixão encontramos a incompreensão de Pedro: «Pedro, chamando-o à parte, começou a

censurá-lo» (8, 32) e, a seguir, a resposta intransigente e duríssima de Jesus: «Vai-te da minha frente, Satanás, porque não tens em vista os interesses de Deus, mas sim os dos homens» (8,33). Por ocasião do segundo anúncio da Paixão, o evangelista observa que os discípulos «não entendiam aquelas palavras, e tinham medo de O interrogar» (Mc 9,32). Logo a seguir estará em questão, como assunto de conversa, nada menos do que saber «qual deles seria o maior» (Mc 9, 34). De maneira semelhante, à terceira profecia da Paixão sucede-se, por estranho que pareça, o ambicioso pedido dos filhos de Zebedeu: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (Mc 10, 37).

Vemos, portanto, que a solidão de Jesus se acentua desde o primeiro anúncio da Paixão, e não cessa de crescer, na exata medida em que Jesus mais insistentemente a revela, e se encaminha em sua direcção. Os discípulos compreenderam já que Jesus é o Messias, mas a sua compreensão é imperfeita porque não integra a perspectiva do sofrimento e o caminho para a cruz. Os homens são incapazes de se abrirem, contando somente com as suas próprias forças, ao núcleo mais íntimo da Revelação. Apenas com a ajuda do alto o poderiam fazer, mas, de momento, só muito imperfeitamente se mostram disponíveis a receber essa graça. Portanto, Jesus continuará só, mas nem por isso menos decidido: prosseguindo «à sua frente», percorrerá até ao fim o seu caminho, inquebrantavelmente fiel à missão recebida.

Jesus encontrará mais uma vez as multidões, ao entrar em Jerusalém, e será aclamado por elas como o Messias e Senhor (Mt 21, 1-11). Mas não são capazes de captar o seu verdadeiro segredo de momento que entregaram Jesus à morte, mergulhando elas mesmas na maior desolação.

6. Eucaristia: comunhão e separação

Retornando à relação de Jesus com os discípulos e às dimensões da partilha que com eles quis instaurar, a nossa atenção deve centrar-se, agora no mistério da Eucaristia.

Para Jesus, a última Ceia e o ponto culminante, o momento mais desejado na via que O leva à Paixão: «Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de padecer» (Lc 22,15). Na última Ceia foram reveladas as disposições mais íntimas de Jesus: «tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13,1).

Parece lícito afirmar que foi a causa desse amor que a partilha atingiu na Eucaristia um alcance imprevisível, inimaginável: O que Jesus Cristo torna presente na Eucaristia é o Seu Corpo e o seu Sangue, o sangue da nova Aliança, derramado pelos homens (Mt 26, 28; Mc 14,24), numa palavra é o próprio Cristo que se oferece pela remissão dos pecados (Mt 26,28). Participar na Eucaristia significa participar no drama irrepetível do sacrifício do Calvário. A última Ceia é a antecipação sacramental do mistério que celebramos na Missa, o Sacrifício redentor que será permanentemente celebrado para todas as gerações.

A Eucaristia significa a participação real dos discípulos no mistério da Cruz, que Jesus realizou absolutamente sozinho. A solidão da Cruz e rigorosamente mantida porque só Jesus será crucificado e morrerá, mas, ao mesmo tempo, é também misteriosamente superada porque os discípulos, comendo o seu Corpo e bebendo o seu Sangue são introduzidos neste sacrifício, antecipado na última Ceia, antes de se consumir historicamente.

A Eucaristia significa o superar a solidão. Os discípulos foram com Jesus naquele momento, depois serão «dispersos» (Mt 26, 31); no entanto, uma vez que comeram a sua Carne e beberam o seu Sangue, são levados nele para além dos seus próprios limites.

Não é inútil acrescentar que esta identificação sacramental deverá ser vivida sob a forma de consentimento pessoal perfeitamente livre e pleno. Receber em mim Aquele que se vai oferecer (ou já se ofereceu, uma vez por todas) em sacrifício por mim, implica conceder-lhe a possibilidade de dispor de mim, sem que se interponham, da minha parte, quaisquer reservas ou limites, e portanto segui-lo para onde quer que vá, no sentido da sua própria disponibilidade.

Isto que dizer que, se tivessem correspondido desse modo, teria sido possível aos Apóstolos não abandonar Jesus. Apesar da unicidade do seu ser, da incomunicabilidade da sua missão e, portanto, da sua solidão irreduzível, ter-lhes-ia sido possível sofrer com Jesus e, de certo modo, morrer com Jesus. Mas tal não sucedeu: a partilha ou, mais exatamente, a comunhão, apesar de já sacramentalmente realizada, foi unilateralmente interrompida: Jesus sofrerá no seu Corpo (místico), mas este, por então, não sofrerá com Jesus.

A SOLIDÃO DO GETSEMANI

1. O paradoxo e a história

Com a consideração da agonia do Getsémani, o nosso itinerário atinge um momento de particular densidade. É aqui que o paradoxo que já anteriormente considerámos, tendo acompanhado toda a vida de Jesus, se revela mais agudo, atingindo de certa forma o seu ponto culminante: na hora derradeira, e apesar de ter expressamente desejado a presença dos seus, Jesus será por eles abandonado, e desde logo a partir do Jardim das Oliveiras. Mas, por outra parte, que poderiam eles fazer, nesse momento em que o Unigénito de Deus iria ser entregue à morte por todos os homens?

As narrativas da oração de Jesus no Getsémani (Mt 26, 36-46; Mc 14, 32-42; Lc 22, 40-46), não obstante a orientação própria de cada evangelista, são todas elas percorridas por esta dialética de presença e ausência que tem os apóstolos como protagonistas.

Não obstante, mais importante do que tudo isto nos parece ainda o facto de que é a presença desses homens. Aqui, Jesus procura a solidão para se dedicar á oração, é verdade, porque tudo se decide exclusivamente na sua relação com o Pai. Mas procura também a companhia dos seus discípulos, segundo o dinamismo da partilha que com eles instituíra, e acabara de se consumir na Eucaristia, a qual, porém, ficará agora inteiramente por realizar. Vai para o Jardim das Oliveiras para estar a sós com o Pai, mas experimentará também a solidão do abandono por parte daqueles mesmos que quis levar consigo.

É esta presença dos discípulos na agonia do Jardim das Oliveiras que, por contraste, nos faz ver até ao fundo a inconcebível extensão dessa agonia, a sua abissal profundidade. A angustiada luta de Jesus esteve, pois, de algum modo e por pouco tempo que fosse, ao seu alcance, e apesar disso não puderem ou não quiseram vigiar com Jesus.

Mais tarde, um ou outro daqueles que Jesus tomou consigo transmitiria à comunidade cristã o testemunho desse episódio singular em que o seu Senhor abraçou humanamente de modo tão dramático, mas ao mesmo tempo com completo assentimento, a vontade do Pai, sem que, porém, da parte dos seus, tivesse podido contar com a mais remota solidariedade. E não é de excluir que o facto mesmo do sono dos apóstolos possa ter sido literariamente sublinhado nos relatos da cena

da Agonia, para pôr ainda mais de manifesto a sua radical incapacidade de estar e lutar com Jesus nesse momento decisivo.

2. «Permaneçei aqui e vigiai comigo»

O episódio do Jardim das Oliveiras pode ser considerado de dois pontos de vista diversos, de importância desigual, mas ambos merecedores de atenta análise: a relação de Jesus com o Pai e a sua relação com os discípulos.

Segundo o relato dos Sinópticos Jesus foi acompanhado pelos seus discípulos, de quem, todavia, logo se separa, para se entregar à oração: «Sentai-vos aqui, enquanto vou rezar» (Mc 14,32). Este movimento de separação, que é, como vimos, uma característica marcante da oração de Jesus, aparece atenuado, em certa medida, pelo facto de levar consigo Pedro, Tiago e João, a quem revela a angústia e a tristeza que lhe enchem a alma, e a quem, por isso, recomenda: «Permaneçei aqui e vigiai» (Mc 14, 34). Mas esta maior proximidade não anula a distinção, pois mesmo destes Jesus se afasta «avançando um pouco», (Mt 26,39; Mc 14,35), para mergulhar intensamente no diálogo com o Pai.

Reaparece o paradoxo a que frequentemente nos temos referido, e que, neste momento inicial, poderá ser formulado da seguinte forma: Jesus faz-se acompanhar pelos seus discípulos, e, no entanto, de forma mais ou menos acentuada, não pode deixar de separar-se deles, a fim de ficar só. Este facto, que não tem em si nada de insólito, pois se repetiu em muitas outras ocasiões, parece agora estar envolvido por um particular dramatismo.

Jesus separa-se a custo (arranca-se) dos seus, porque não pode, absolutamente, deixar de ficar só, mas este afastamento, exigido pelo mistério do seu ser e pela missão que lhe cabia desempenhar, é-lhe profundamente doloroso.

É agora o momento de considerar se essa solidão necessária exclui alguma forma de participação ou se subsiste alguma possibilidade de tornar parte no que, por natureza, é um caminho solitário. A esta pergunta julgamos que responde a própria cena da agonia no seu conjunto e, em particular, o convite que, logo no início, Jesus dirige a Pedro, Tiago e João, segundo a versão de S. Mateus: «Permaneçei aqui e vigiai comigo» (Mt 26,38).

Uma tal expressão possui certamente, em primeiro lugar, uma grande densidade humana, e, por si só, é já uma resposta à solidão essencial que caracteriza todo o homem. É possível uma certa forma de participação: é o estar com, o estar com o outro, ainda o seu mistério individual seja irresolúvel e a sua missão intransmissível. Não se penetra naquilo que, por definição, é impenetrável, mas faz-se próprio o que era apenas alheio. Estar com é viver com. Significa que assumo e vivo em mim, de maneira pessoal, aquilo mesmo que o outro vive em si, de maneira também estritamente pessoal.

Na expressão do Evangelho manifesta-se, pois, por um lado, o carácter singular e a incomunicabilidade da experiência de Jesus; mas, por outro lado, afirma-se que existe um modo de a partilhar, que parece ser o único e ao mesmo tempo o mais elevado possível: «vigiai comigo».

Em segundo lugar, nesta mesma expressão pode reconhecer-se também uma dimensão eclesial: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei Eu no meio deles» (Mt 18, 20).

Deve observar-se que não há, na cena da agonia, nenhuma referência ao demónio, mas nem por isso o perigo da tentação é aí menos fortemente sublinhado. A conclusão da narrativa das tentações do deserto já a pressagiava: «Esgotada toda a espécie de tentação, o diabo afastou-se dele até ao tempo marcado» (4, 13). Esse tempo parece agora ter chegado, mas o perigo maior recairá sobre os discípulos, e daí esta advertência que abre o episódio do monte das Oliveiras: «Orai, para não entrardes em tentação» (22, 40).

Não parece necessário examinar aqui o tema da tentação (12); bastará sublinhar que o correlato da tentação é sempre a separação: de Deus, da sua vontade, da missão por Ele confiada. Já no deserto, o Tentador não visava outro objetivo senão separar Jesus da verdade da sua missão messiânica. Agora, «no início da Paixão, fará um esforço supremo para afastar Cristo da mesma via messiânica que o conduzirá ao sacrifício da sua vida pela multidão pecadora».

Mas Jesus vigia e ora, e por isso não entra em tentação (ou, mais exatamente, na tentação), isto é, não se separa por um só instante do Pai e da sua vontade. Portanto, o que Jesus pede aos discípulos, desde o início, não é apenas que estejam, mas que vigiem com Ele, isto é, que Ó acompanhem na sua agonia, nessa luta dramática que tem como único objetivo a plena identificação com a vontade do Pai. Não se trata, pois, de uma simples solidariedade humana, que já seria relevante, mas

de uma solidariedade sobrenatural, cuja expressão mais perfeita consistiria na oração.

Por isso uma tal vigilância surge, humildemente, como objeto de um pedido: «A minha alma está numa tristeza de morte. Permanecei aqui e vigiai comigo; (Mt 26, 38). Mas nem mesmo este pedido receberá correspondência, e Jesus ficará só. Em vez da oração vigilante, os discípulos deixam-se vencer pelo sono, e assim Jesus encontrar-se-á, por parte dos homens, rodeado de uma atroz solidão. Como comenta Pascal: «Jesus procura alguma consolação pelo menos nos seus três mais queridos amigos, e eles dormem; pede-lhes que se conservem um pouco com Ele, e eles deixam-no com uma inteira negligência, tendo tão pouca compaixão, que esta nem sequer os impede de dormir um momento» (p. 208).

Esta solidão de Jesus, motivada pela incompreensão e pela insensibilidade dos discípulos, é ainda posta em evidência, em Mateus e Marcos, pelas três visitas que Jesus faz a Pedro, Tiago e João (Mt 26, 40.43.45; Mc 14, 37.40-41), o que sublinha a proximidade que os unia, mas também a distância que os separava e que, de facto, não viria a ser transposta. Nestas deslocações de Jesus pode ver-se também a intensidade da sua oração e do seu sofrimento, mas, principalmente, o seu efetivo desejo de ser, naquela hora, acompanhado por aqueles que escolhera. Jesus procurava a sua solidariedade, contava com a sua oração, pedira a sua vigilância, e tal é manifesto desde o primeiro instante da agonia.

Mais adiante, a seguir a uma censura repassada de tristeza (Mt 26, 40; Mc 14, 37), o convite inicial à vigilância não deixará de ser vivamente reiterado: «vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca» (Mt 26, 41; Mc 14, 38). Mas esta exortação distingue-se agora nitidamente da primeira, enquanto realça, não já o interesse pessoal de Jesus na vigilância dos discípulos - «vigiai comigo» - mas antes a sua premente necessidade para os próprios discípulos, de modo a conservarem-se unidos a Jesus. É verdade, como observámos, que Jesus desejou e pediu a vigilância dos discípulos, mas, mesmo sem ela, isto é, completamente sozinho, cumprirá até ao fim a vontade do Pai. Aqueles, pelo contrário, se não se mantivessem vigilantes mediante a oração, expunham-se ao risco de ceder à tentação. E ceder à tentação seria, dissemo-lo já, o mesmo que incorrer na separação - que foi o que efetivamente aconteceu. Por isso, para o

próprio Jesus foi muito claro, a dado momento, que já nada tinha a esperar dos seus amigos.

Quando se dirigiu ao seu encontro pela segunda vez, e de novo os encontrou adormecidos (Mt 26, 43; Mc 14, 40), já não os despertou, nem voltou a exortá-los à oração, mas, «deixando-os, afastou-se e orou pela terceira vez» (Mt 26, 44). Era-lhe agora perfeitamente manifesto que a vontade do Pai passava também por uma completa solidão humana. Se tratava, apenas de aceitá-la livre e conscientemente. E de facto, a partir desse momento, também a sua solidão é perfeitamente voluntária.

Daí também a última palavra que Jesus lhes dirige imediatamente antes da chegada do traidor e daqueles que vinham para O prender: «Dormi agora e descansai!... » (Mt 26, 45; Mc 14, 41). Não se trata de ironia, que aqui estaria completamente deslocada, mas somente da definitiva atestação de que os discípulos recusaram a oportunidade de se associarem ao destino do Mestre. Não vigiaram nem rezaram com Jesus, caíram em tentação, separam-se dele. Poderão dormir agora, se quiserem: Jesus já não conta com eles.

Não obstante, tudo o que virá a seguir-se, desde a prisão até ao próprio momento da morte, constituirá ainda uma prova longa e terrível, em que permanece o risco de voltar a sucumbir, mas em que subsiste também a possibilidade de lutar e de vencer.

Jesus entra na agonia do Horto acompanhado pelos seus apóstolos, e por três de entre eles de maneira especial. Pede-lhes que permaneçam vigilantes, tanto em sentido físico como em sentido espiritual, mas não obterá nem uma coisa nem outra. O sono dos apóstolos, mesmo tendo a sua origem na tristeza (Lc 22, 45), a qual tanto pode provocar insónias como induzir ao torpor e à abulia, tornará patente a sua incapacidade de vigiar e estar com Jesus, que por isso mesmo se encontrará completamente só. Este facto é portador de um sofrimento humano de inconcebível intensidade, mas é também importante para a história da salvação porque, agora na sua expressão culminante, Jesus Cristo está só, porque é Único.

O mesmo é dizer que a solidão de Jesus no Getsémani não é uma circunstância ocasional, que a debilidade dos apóstolos facilmente poderia explicar, mas sim uma manifestação muito profunda do seu mistério e da sua missão. Jesus «aparece assim, segundo o contexto, como o Resto de Israel. (...) Ele só é o Israel personificado no Servo

sofredor. Ele só é o Povo dos Santos, o Filho do homem que, depois da prova, receberá o Reino».

Na solidão do Horto, abandonado pelos discípulos, Jesus Cristo revela-se, pois, como o único Salvador. Jesus, enquanto os discípulos dormiam, operou a salvação deles. Mas também não é a solidão, por si só, que O faz Salvador. Jesus merece a salvação também para aqueles que dormem, porque, abandonado pelos homens, não se afasta da comunhão com o Pai. É desta relação de Jesus com seu Pai que devemos agora aproximar-nos porque só ela nos permite conhecer por dentro a agonia do Horto.

3. Combate angustiado

Deve observar-se, todavia, que as próprias circunstâncias externas e internas em que esse diálogo se desenrolou não têm paralelo em toda a vida de Jesus, e por isso não podemos deixar de as salientar, sublinhando os dados exegeticos essenciais.

Uma vez chegado ao Jardim das Oliveiras, Jesus «começou a encher-se de pavor e a angustiar-se» (Mc 14, 33); «a entristecer-se e a angustiar-se» (Mt 26, 37). Simultaneamente, Jesus enche-se de tristeza e declara aos três discípulos: «A minha alma está triste até à morte» (Mt 26,38; Mc 14,34). Jesus encontrava-se profundamente triste, mergulhado em tristeza ao mais alto grau, uma tristeza mortal.

Prosseguindo a descrição, Marcos observa: «E tendo avançado um pouco, caía por terra, e rezava» (Mc 14,35). Tudo indica que deve ver-se aqui não apenas um intenso gesto de oração, mas também o sinal de uma grande aflição, que acabrunhava Jesus e O privava das próprias forças físicas, derrubando-O por terra.

O jardim das Oliveiras foi, portanto, o cenário de uma angustiosa luta que Jesus travou, e sem qualquer apoio humano, isto é, completamente só, como vimos. Qual o conteúdo dessa luta, qual o seu objeto? Procuraremos responder a estas perguntas num momento posterior. Para já, interessa-nos saber qual possa ser o motivo dessa angústia, e de que maneira ela é compatível com o que conhecemos de Jesus e das suas relações com o Pai.

É o próprio abandono dos discípulos que permite discernir que os dois grandes atores da história da Paixão são Jesus Cristo e seu Pai. Em todo o processo que se seguirá à prisão e terminará no Calvário, intervirão

inúmeras personagens, de desigual importância e muito diversa participação, mas o seu papel será apenas secundário, pois tudo se resolve entre o Pai e o Filho.

Todo o tempo da vida terrena de Jesus Cristo, na perspectiva das suas relações com o Pai, pode ser adequadamente definido por esta afirmação que se lê no Evangelho de S. João: «Aquele que me enviou está comigo: não me deixou só, porque Eu faço o que é do seu agrado» (Jo 8, 29). É a serena certeza de nunca estar só, que transparece em todos os atos e em todas as palavras de Jesus, mas que pode ainda exprimir-se noutros termos, embora com idêntico conteúdo, como por ocasião do milagre da ressurreição do Lázaro: «Eu bem sabia que sempre me ouves» (Jo 11, 42).

No contexto do Discurso da Ceia, esta convicção aparece mais vigorosa do que nunca, o que é tanto mais digno de realce, quanto o futuro abandono dos discípulos é então claramente anunciado: «Eis que vai chegar a hora e já chegou - em que vos dispersareis cada um para seu lado, e me deixareis só, se bem que não estou só, porque o Pai está comigo» (Jo 16,32).

Agora, porém, ao entrar no Jardim das Oliveiras, Jesus parece vacilar na inabalável firmeza que caracterizou todas as outras circunstâncias da sua vida. Jesus procura companhia e alívio da parte dos homens. Isto é um facto único em toda a sua vida.

É certo que a explicação última para este procedimento deve procurar-se no dinamismo da partilha que Jesus desejava estabelecer com os seus discípulos, conforme considerámos no capítulo anterior. Não obstante, para além dessa disposição fundamental, o episódio do Jardim das Oliveiras encontra-se marcado por um dramatismo que o Evangelho até então nunca registara e que, tendo a sua sede na alma de Cristo, influencia marcadamente a sua relação com os apóstolos: «Começou a entristecer-se e a angustiar-se. Diz-lhes então: A minha alma está triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo» (Mt 26, 37-38). Dir-se-ia que a angústia e a tristeza que obscurecem a alma de Jesus constituem aqui a circunstância determinante que O impele a procurar nos apóstolos aquela solidariedade humana e sobrenatural de que necessitava e que, no entanto, como sabemos, não viria a receber.

Mas como justificar esse pavor, essa angústia, essa profunda tristeza, essa súbita fragilidade que os relatos evangélicos nos fazem ver em Cristo, em toda a sua crueza? Inúmeras explicações têm sido aduzidas

ao longo dos tempos, e a algumas delas nos referiremos mais adiante. Julgamos, porém, que a de todas mais conforme com os dados bíblicos e as formulações dogmáticas, é a que se vislumbra, ainda que só veladamente, neste pensamento de Pascal: «Jesus sofre esta dor e este abandono no horror da noite» (30) - isto é, na privação do sentimento da presença de seu Pai.

Não quer isto dizer que tenha havido separação real entre o Pai e o Filho, ou que o Pai tenha de facto deixado Jesus só, mas sim que Jesus deixou de possuir e experimentar, humanamente, o sentimento da presença do Pai, no preciso momento em que chegava a hora da plena consumação do desígnio salvífico. Tal é o «horror da noite» em que Jesus penetra, ao penetrar no Getsémani: como se o Pai se tivesse retirado e O tivesse deixado só; como se - sem que nada o fizesse prever - o rosto do Pai já não fosse perceptível aos seus olhos; ou como se a sua voz tivesse deixado de ressoar-lhe no íntimo, ao contrário do que sempre acontecera até então. Era a solidão mais imprevisível e também mais dolorosa, e nada neste mundo a poderia preencher. «Na hora do Getsémani, Jesus não se encontraria imerso numa tristeza tão absoluta, se captasse ainda sensivelmente a presença beatífica do Pai. É possível que O sentimento dessa presença lhe tenha inopinadamente faltado: a alegria deu lugar a um grande vazio, a um abismo, pois o próprio Pai parece abandoná-lo».

O Pai parece ter desaparecido, e assim toda a alegria cessou. E como uma passagem inesperada da plenitude ao nada: Cristo suporta nesse momento uma terrível solidão, que até então nunca experimentara.

Privado de todo o acesso à Luz transcendente, à segurança e sobretudo à serena consolação que dela provinham, Jesus continua unido ao Pai, podemos dizer, mais do que nunca - como comprova o clamor da sua oração - mas isso não o impede de se encontrar nesse momento na mais espessa escuridão, e daí a angústia terrível e a tristeza de morte que sobre Ele pesadamente se abatem.

Mas devemos ainda perguntar: porquê? Porquê esta experiência da ausência de Deus Pai, porquê esta dolorosa solidão, à qual nenhuma presença humana poderia, nem de direito nem de facto, obviar?

Qualquer tentativa de resposta a estas perguntas deverá começar por ter em conta o sentido fundamental da Encarnação. Segundo S. Leão Magno, o Verbo desceu à terra e fez-se homem, «para assumir não só a substância, mas também a condição da natureza pecadora. O mesmo é

dizer que, para salvar o homem, Jesus Cristo veio «experimentar» por dentro a condição humana, veio descer até ao fundo da nossa tragédia, veio assumir toda a espessura das nossas misérias e angústias: «Nós não temos um Sumo Sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois Ele mesmo foi provado em tudo à nossa semelhança, exceto no pecado» (Heb 4,15)

Veio, numa palavra, sofrer todo o sofrimento humano. Suportou dores de toda a espécie, quer de ordem física, quer de ordem moral. Entre os sofrimentos morais não houve apenas os ultrajes, as falsas acusações e o desprezo dos inimigos, ao lado da desilusão pela vileza dos discípulos; houve também a misteriosa aflição experimentada no íntimo da alma por causa do abandono do Pai. O sofrimento invadiu e envolveu todo o ser humano do Filho incarnado.

E, se foi deste modo que Jesus Cristo assumiu o homem todo para o curar inteiramente, deve dizer-se que a sua missão era, não de abolir a tragédia humana, mas de lhe deixar livre curso e de a santificar. Jesus, que entra na água do batismo para a santificar, entra no sofrimento humano para o tornar lugar de salvação.

Que dizer, porém, não já do sofrimento enquanto tal, mas da própria situação pecadora do homem? De que maneira poderia Jesus Cristo, que não conheceu o pecado, assumir na sua realidade histórica e concreta a condição do homem, não apenas sofredor, mas também pecador?

Julgamos que na resposta a esta pergunta se descobre o sentido profundo do drama do Getsémani. Se o pecado consiste, como assinalámos, no isolamento voluntário em relação a Deus por parte do homem, que deste modo mergulha na mais terrível de todas as solidões, a obra redentora deveria consistir em penetrar na treva densa dessa mesma solidão, para a preencher a partir de dentro com um gesto de comunhão levado até ao extremo. E este o segredo mais íntimo da agonia do Jardim das Oliveiras: sem cometer o pecado, Jesus viria a carregar sobre si a solidão do pecado, que outra coisa não é, em última análise, senão a experiência voluntária da ausência de Deus. Ao contrário, porém, do pecador, que opta pela ausência e interrompe a comunhão, Jesus suporta os pecados do mundo para, no coração mesmo da ausência, implantar a comunhão. Por outro lado, em contraste com a liberdade suicida do pecador, será em resultado de uma decisão plenamente livre e voluntária, que Jesus tomará sobre si, no Getsémani, todo o peso de solidão dos pecados dos homens.

A razão de ser da experiência da ausência de Deus Pai que caracteriza a agonia do Horto e recrudescerá no Calvário, deve, portanto, ser procurada nesta ilimitada solidariedade salvífica de Cristo para com a humanidade pecadora e sofredora. A agonia de Jesus não poderá, pois, de modo nenhum, ser considerada como uma simples prova pessoal, mas «acima de tudo como uma prova messiânica, que faz de Cristo a vítima voluntária pelos pecados da humanidade».

Assumindo sobre si o peso dos pecados dos homens, Jesus Cristo sentirá, ao chegar a Hora, a dor, maior que todas, do distanciamento do Pai. Deve observar-se, contudo, que não poderá sentir esta separação de Deus da mesma maneira que a sente um pecador. Pelo contrário, Jesus continua inocente, o seu ser está indissoluvelmente unido ao Pai, e a sua vontade permanece em plena harmonia com a vontade paterna. Não pode, pois, encontrar-se sob o domínio da contradição íntima que constitui o tormento do homem em estado de pecado: contradição entre a tendência fundamental do ser humano orientado para Deus e a vontade que se recusa a amá-lo. Cristo não podia sofrer por esta contradição. Mas chegou até ao ponto de assumir a dor da privação da presença divina e do ofuscamento completo da alma.

E fê-lo para conhecer e superar, no amor, a prisão impenetrável, a muralha intransponível da nossa solidão. Experimentou a prova extrema da recusa, sem Ele próprio a cometer; sem cometer o pecado, carregou sobre si, como o Servo anunciado em Isaías (Is 53,4-6), todo o pecado, na exata medida em que este, levado até às suas últimas consequências, mergulha o homem num abismo de solidão irreparável. Inteiramente só, conheceu a angústia e o pavor que os pecadores deveriam normalmente experimentar - sem, contudo, interromper o diálogo filial que caracteriza o seu ser e a sua missão.

Privado, porém, de todas as luzes e de todas as consolações de que antes gozara, Jesus encontrou-se situado diante da vontade do Pai no mais completo despojamento. Como correspondeu a essa vontade, de que modo a ratificou e abraçou? É o que deve ocupar, em seguida, a nossa atenção.

4 Jesus e a vontade do Pai

Acabamos de ver de que modo, no Jardim das Oliveiras, Jesus suporta sobre si a solidão dos pecadores. Mas dizer isto não é ainda dizer tudo, antes o mais importante fica em grande parte por dizer: se a solitária

angústia do Getsémani contém já em si a salvação do género humano, é porque essa solidão é intimamente preenchida pela perfeita identificação de Jesus Cristo com a vontade de Deus. Em vista disso que o jardim das Oliveiras não é apenas solidão, é também agonia, é verdadeira luta, que tem por objeto único a adesão à vontade do Pai, na exclusão de qualquer outra possibilidade e de qualquer outra perspectiva. E essa luta não revestirá outra modalidade senão a da oração, como os três relatos evangélicos unanimemente nos atestam (Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42).

Interessar-nos-á considerar de maneira especial a apresentação de 5. Marcos: «E dizia: Abba! Ó Pai! Tudo te é possível: afasta de mim este cálice; todavia, não o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mc 14, 36).

Desta incomparável oração, ressalta em primeiro lugar o seu carácter profundamente filial, determinado pela invocação que a inicia: «Abba! Ó Pai!». Este dado, por si só, insere harmoniosamente o episódio do Getsémani na orientação filial de toda a vida de Jesus e em particular da sua oração. Jesus utilizava a palavra Pai para se dirigir a Deus. A uma única exceção é o Seu grito na cruz: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mc 15, 34). Neste último caso, porém, a invocação «Meu Deus» estava traçado de antemão pelo texto do salmo 22/21.

A utilização de «Abba» por parte de Jesus aparece marcada por uma absoluta novidade: não há lugar nenhum da literatura hebraica onde se encontre, nas formas de oração, a invocação de Deus como «Abba», nem mesmo nas orações privadas ou domésticas. Jesus, pelo contrário, chamou-Lhe sempre assim (excetuado o grito da cruz já acima referido). À comunidade cristã proveniente do judaísmo não ocorreria nunca a ideia de atribuir a Jesus uma tal maneira de se dirigir a Deus. E este é mais um argumento, que não deve desprezar-se, em favor da autenticidade histórica essencial e do carácter testemunhal dos relatos da agonia do Jardim das Oliveiras.

Mais do que em nenhum outro momento, ao escutarmos a invocação: Abba, é como se ouvíssemos Jesus falar ainda hoje com a sua própria voz, é como se fôssemos testemunhas presenciais da sua oração. Para além, todavia, desta consideração de ordem histórica, o tratamento de Deus como Abba por parte de Jesus, a familiaridade, a simplicidade e o carinho que nele se continham - e que precisamente vedavam à piedade vetero-testamentária a sua utilização, tanto comunitária como pessoal - desvendam-nos o segredo íntimo da sua relação com Deus.

Prolongando a imagem anterior, é como se tocássemos com as nossas próprias mãos a consciência que Jesus tinha de ser o Filho de Deus, no sentido estrito da palavra, é como se presenciássemos, por esse facto mesmo, a revelação do mistério trinitário, a qual tem na relação de Jesus com Deus-Abba o seu primeiro e mais eloquente anúncio.

A maneira como Jesus se dirige ao Pai no Getsémani, aquele Abba que os apóstolos escutaram e o evangelista pela primeira vez registou na sua formulação original, não constituem novidade relativamente à orientação constante da oração de Jesus, mas - o que é muito importante - confirmam plenamente essa orientação, numa circunstância singularíssima da vida de Jesus. Ou seja: apesar da experiência do abandono, apesar da solidão em que subitamente se viu envolvido, apesar de lhe ter faltado o próprio sentimento da presença do Pai, Jesus continua a dizer: Abba, fiel, mesmo na obscuridade, ao mistério profundo do seu ser.

Poderíamos dizer que, por este facto mesmo, a solidão já está vencida, e não uma solidão qualquer, não apenas um simples sentimento ou uma solidão ocasional, mas, mais do que todas, essa solidão que é consequência do pecado, e que Jesus sem conhecer o pecado, veio a conhecer também.

Que sentido poderá ter, pois, a sequência da oração de Jesus: «Abba! Ó Pai! Tudo te é possível: afasta de mim este cálice; todavia, não o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mc 14, 36)?

Não há unanimidade, entre os comentadores, a respeito do significado do «cálice» que Jesus gostaria, se fosse da vontade do Pai, de ver afastado de junto de si. A interpretação mais comum da atitude de Jesus e da sua oração no Getsémani é a que se sintetiza neste comentário da Bíblia de Jerusalém a Mt 26, 39 e Lc 22, 42: «Jesus sente em toda a sua força o pavor que a morte inspira ao homem; experimenta e exprime o desejo natural de escapar dela, embora o reprima pela aceitação da vontade de seu Pai». Por outras palavras, Jesus tem diante de si uma prova tremenda, que culminará numa morte ignominiosa; essa perspectiva enche-O de ansiedade e angústia, e por isso pede ao Pai que, se possível, esse transe lhe seja poupado.

Por tudo o que considerámos até agora, não cremos, porém, que esta explicação, embora muito generalizada, seja adequada à realidade, ou mais exatamente, ao mistério que temos diante de nós. Julgamos, pelo contrário, que o cálice que Jesus Cristo desejaria não beber, não deve

referir-se principalmente à própria morte, ou pelo menos à morte enquanto tal, uma vez que, em toda a Bíblia, a imagem do cálice sem aliás se referir necessariamente à morte - designa sempre determinados sofrimentos queridos por Deus como reparação pelo pecado. Por outro lado, Jesus não podia, sem se contradizer, pedir ao Pai que O preservasse da morte, uma vez que, por antecipação, o sacrifício da Cruz já se tornara sacramentalmente presente na última Ceia, sob as aparências do pão e do vinho.

Qual é, pois, o sofrimento contido no cálice, realmente distinto da morte, que a Jesus particularmente repugna e do qual, se possível, pede para ser poupado?

Pensamos que O cálice designa, na oração de Jesus, a privação da experiência sensível da presença do Pai, isto é, o sentimento subjetivo de ausência e mesmo de abandono por parte do Pai, que caracteriza a agonia do Getsémani e envolverá também a própria Cruz. O cálice era essa solidão, esse abandono, esse silêncio paterno, cuja perspectiva, muito mais do que tudo o que significaria ser «entregue nas mãos dos pecadores», apavorava Jesus e O fazia sofrer terrivelmente.

A verdade, porém, é que esta solidão não era absolutamente «necessária»: Jesus poderia ter morrido na posse da luz clara da visão, contemplando em todo o seu esplendor o rosto do Pai, ou pelo menos com a tranquilidade e a segurança dos mártires, e nem por isso uma tal morte seria menos redentora, nem sequer a solidão da condição humana deixaria de ser assumida porque mesmo a morte mais serena é sempre solitária. Portanto, Jesus podia pedir, como de facto fez, que o cálice fosse afastado, sem com isso contrariar a entrega de si mesmo na morte - que tantas vezes anunciara e cujo memorial já instituía e sem se opor, nem sequer minimamente, ao desígnio salvífico de Deus que O fizera chegar àquela Hora.

Mas a vontade do Pai passava também por aqui, e Jesus entende-o claramente no termo da sua oração. Manifestara-se desde o início disposto a obedecer («não o que Eu quero, mas o que Tu queres»), e é disso que agora se trata: obedecer porque sim, obedecer porque é a vontade do Pai, obedecer exclusivamente por amor. Tudo se reduz à delicada e rendida preferência da vontade do Pai, amada por si mesma. Di-lo-á, afinal, o próprio Jesus, como se lê no IV Evangelho: «O cálice que o Pai me deu, não havia de bebê-lo?» (Jo 18,11).

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO DA RECUSA À ACEITAÇÃO

1. A «diversão» e seus processos

Há muitas maneiras de não aceitar a solidão. Uma delas é puramente negativa, define-se apenas pela omissão ou, mais exatamente, por uma fuga velada. É a «diversão», essa solução ilusória que consiste unicamente em fugir ao problema, agravando-o, porém, ainda mais. Muitos homens, observa Thomas Merton, «têm tanta aversão a estarem sós ou a sentirem-se sós, que fazem tudo para esquecerem a sua solidão». Fazem tudo para não terem de se enfrentar com a sua verdade mais profunda. A sua vida é uma agitação constante, por vezes a pretexto dos melhores ideais, se não mesmo em nome da expansão do Reino de Deus. Mas não têm tempo para parar ou para refletir, e muito menos para rezar. Transformam a existência numa grande «distração», numa evasão, que os impede de entrar em si próprios e de avaliar o que são e o que fazem. Conseguem assim, aparentemente, evitar a sua própria companhia durante as vinte quatro horas da jornada, mas, em vez de superar ou transfigurar a sua solidão, atordoam-se, lançam-se no tumulto, esquecendo que «quem tem medo de estar sozinho, nunca será senão um isolado, por muitas que sejam as pessoas de que se rodeie ou as atividades em que participe».

Alguns estão tão habituados a este estado de anestesia, que entram em pânico quando não têm nada nem ninguém a distraí-los. Se lhes falta, por algum motivo imprevisto, um amigo a quem visitar, um disco para ouvir ou simplesmente a televisão para ver, descobrem-se de frente a si mesmos, mas não suportam a crueza desse encontro. É então que se apercebem de que precisam desesperadamente dos outros. Mas precisam deles para os consumir, para se servirem deles como cenário do seu egoísmo, como se assim fosse possível preencher o vazio do seu espírito ou transformarem-se na pessoa que julgam dever ser.

Mas qual será o verdadeiro motivo deste medo de parar, deste horror à solidão e ao silêncio? Escutemos o diagnóstico de Pascal: «Nada mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem negócio, sem divertimento, sem aplicação. Sente então o seu nada,

o seu abandono, a sua dependência, a sua incapacidade, o seu vazio. Imediatamente sairá do fundo da sua alma o tédio, a escuridão, a tristeza, a pena, o despeito, o desespero.

Quando um homem se encara consigo próprio, no solitário fundamento do seu ser, não poderá deixar de interrogar-se sobre o valor da sua existência, sobre a autenticidade e o sentido da vida que leva. Começará então a dar-se conta do que até então procurara esconder sob a capa da diversão e seus ardis. Na sua peculiar densidade, a solidão é como um espelho, em que muitos reconhecem finalmente que vivem isolados, apesar de mergulharem a cada momento na multidão ou numa vida social muito intensa, ou ainda de que se esforçam em vão, afadigando-se sem descanso sem saber para quê.

O medo da solidão é, portanto, o medo de olhar de frente a própria vida e de reconhecer a sua falsa lógica. É a antecipada certeza de não vir a encontrar, no meio de tanta agitação, nada mais senão « vaidade e correr atrais do vento » (Co 2,26). É a fundada hipótese de entrar dentro de si e descobrir um estranho.

Por outro lado, no desprezo pelo Absoluto, no abandono ou no esquecimento de Deus, o homem do nosso tempo define-se de bom grado pela sua relação com a história, a arte, a ciência, a política ou até, ultimamente, a ecologia, mas trata-se de meras manobras de diversão que mascaram o vazio e a ausência de um critério de verdade e de valor que suporte em cada momento, e precisamente nesta terra, a consciência do desespero de não poder resistir às forças que operam no tempo. De facto, se Deus não existe, já não há essências, mas somente existências, que o tempo desloca e arrebatava consigo.

E é por tudo isto que a « diversão » prevalece, mas com ela é o homem que se isola cada vez mais a si mesmo e da sua verdadeira vocação antecipando de algum modo a própria morte, como adverte Pascal, com grande clarividência: « A única coisa que nos consola das nossas misérias é a diversão, e, contudo, é a maior das nossas misérias. Porque é isto que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos faz perder insensivelmente. Sem isso, estaríamos no tédio, e este tédio impulsar-nos-ia a procurar um meio mais solido de sair dele. Mas a diversão entretém-nos e conduz-nos insensivelmente para a morte »

Muito embora se trate de um momento crucial e de particular exigência, é indispensável, portanto, desmascarar a « diversão » e enfrentar a solidão como ela é, sem paliativos nem disfarces. Esta é a primeira

resposta humana, um primeiro caminho a percorrer para que o homem seja digno de si e da sua Solidão.

Enfrentar a solidão com lucidez é um primeiro caminho, como acabamos de afirmar, mas coloca-nos apenas no limiar da sua necessária solução. E pode acontecer que essa visão realista, ou tida como tal, não desemboque numa solução autêntica, mas apenas numa falsa resposta que agrava muito mais o problema, e tanto mais, quanto é só aparentemente que o resolve.

CAPÍTULO SEGUNDO

CAMINHOS ABERTOS

1. Individualidade e interioridade

É preciso encontrar uma saída positiva e fecunda para a solidão, que pode ser um ponto de chegada, uma conquista, o termo de uma caminhada longa e exigente. Um primeiro passo é o encontro ou reencontro de cada um consigo próprio. Muitos homens vivem confundidos com a estrutura social, absorvidos pela multidão, perdidos no anonimato. A sua reação mais habitual é a imitação, o conformismo, quase perderam a consciência da sua individualidade. Caminham ao sabor das modas culturais, dos slogans decretados pelas ideologias dominantes, sem espírito crítico nem consciência da sua responsabilidade pessoal.

Mas é então que se torna mais urgente descobrirem quem são, para bem de si mesmos e dos outros. Na verdade, se não forem capazes de se distinguir da massa dos outros homens, jamais poderão amá-los e respeitá-los. Se o homem não se separar dos outros o suficiente para distinguir o que é seu e o que é deles, nunca descobrirá o que tem para lhes dar, nem nunca lhes concederá a oportunidade para lhe darem alguma coisa.

É um movimento de distinção do eu individual para o homem tomar consciência da sua unicidade. Quanto mais alguém se encontra empenhado nas realidades deste mundo, quanto mais intensa é a sua atividade profissional e social, mais necessita de aprofundar a consciência do seu próprio ser.

Para tanto, cada pessoa necessita de ultrapassar as barreiras que o separam de si próprio. A solidão positiva passa, pois, pela via da interioridade, que, porém, não é sinónimo de introversão. A solidão não é, nem nunca poderá ser um diálogo narcisístico do eu consigo próprio. Não consiste num vazio interior ou mental deliberadamente cultivado. Também não significa decretar a arbitrariamente a inexistência do mundo exterior, a supressão dos outros e das suas solicitações, para permanecer depois num espaço interior obscuro, silencioso, e confortável em que nada acontece e onde já não há problemas. Seria recair uma vez mais numa falsa solidão, tão ilusória como perigosa, sinal e causa, ao mesmo tempo de egoísmo doentio. O homem que se fecha nesta solidão psicológica voluntária torna-se incapaz de qualquer comunicação objetiva com a realidade.

A solidão como interioridade nada tem a ver com um autocomprazimento solipsista. A verdadeira solidão separa cada homem dos restantes, de modo que ele possa livremente fomentar o bem que lhe é próprio e realizar assim o seu verdadeiro destino, colocando-se ao serviço de todos os outros. A falsa solidão separa o homem dos seus irmãos de forma tal que já não lhe é possível dar-lhes coisa alguma ou receber deles seja o que for no seu próprio espírito.

A solidão como individualidade e interioridade sublinha o mistério pessoal de cada homem, salva-o do anonimato a que o condena a multidão, fá-lo penetrar dentro de si mesmo, mas só será positiva e fecunda se for, simultaneamente libertação do egoísmo que radica no coração do homem. Quanto mais verdadeira e profunda for a penetração de cada ser humano no seu santuário interior, maior será o auto-despojamento, o esvaziamento do amor próprio mesquinho, e, em consequência, a disponibilidade e a fecundidade de toda a sua vida.

A solidão que importa cultivar é, portanto, esta solidão interior, que não nos afasta dos outros, mas nos une com eles, porque nos leva a sermos senhores de nós mesmos e não escravos. É a solidão de coração, serena e construtiva, que pode existir e consolidar-se até mesmo no centro de grandes cidades, por entre uma densa multidão e no contexto de uma vida laboriosa e produtiva. Aquele que a possuir não viverá uma vida fragmentária, na dependência dos estímulos divergentes do mundo que o rodeia, mas saberá permanentemente reconduzir-se a uma unidade de vida, a um centro interior onde há sempre paz. Por isso, não é muito difícil distinguir á nossa volta quem é inquieto e quem é calmo, quem se encontra coagido e quem é livre, quem é isolado e quem é solitário.

Quem vive a solidão de coração saberá prestar um ouvido atento às palavras e ao mundo dos outros, mas, quando é o isolamento que nos guia, somos levados a escolher somente as observações e os eventos que dão satisfação imediata às nossas insaciáveis necessidades.

Nesta solidão de coração está, portanto, a condição de possibilidade do verdadeiro encontro com os restantes homens. De facto, as relações humanas só são dignas deste nome, se visam atingir o eu íntimo dos homens e se encontram, por consequência, ancoradas na solidão. O egoísta, encerrado no seu pequeno mundo, e, de maneira semelhante, o homem alheio a si próprio, é suscetível, quanto muito, de manter uma relação gregária com os outros; facilmente se deixará possuir pela ilusão coletiva da «experiência de grupo» ou pelo mero «convívio», mas será incapaz de uma relação profunda. Pelo contrário, o eu interior está, não só separado, mas, ao mesmo tempo, unido com todos os outros num plano superior, que é de facto o plano da solidão espiritual.

Esse plano espiritual coincide, em última análise, com o da caridade sobrenatural. Mas já de um ponto de vista simplesmente humano o espaço do recolhimento interior e também espaço de acolhimento que nos torna presentes a nós mesmos, que nos torna presentes aos outros e torna os outros presentes em nós. Se a intimidade não for conhecida, possuída e protegida religiosamente não é possível uma verdadeira comunicação.

Conhecendo o nosso próprio segredo individual podemos aproximar os outros, no seu próprio segredo, com infinito respeito, mas ao mesmo tempo com a consciência de termos uma grande riqueza a partilhar. Amar alguém significa respeitar o seu segredo íntimo, a sua profundidade, que somente Deus pode conhecer e penetrar, mas ao qual é possível também a nós é consentido ter acesso num clima de recíproca confiança e entrega.

A solidão interior consiste numa disponibilidade para o acolhimento do outro, mas também num apelo a responder a esse apelo. A solidão do coração é, portanto, indispensável para a construção da comunidade e para qualquer relacionamento interpessoal. A solidão esta para a sociedade como o silêncio para a palavra, o ar para os pulmões ou o alimento para o corpo. Sem ela o próprio diálogo será mero palavreado, comunicação febril vazia de conteúdo autêntico.

Sem solidão não há comunidade porque a comunidade é como uma floresta, que será bela, se cada uma das suas árvores for forte e tiver

raízes vigorosas: mas estas raízes são solitárias. Se pretender invadir ou destruir a solidão interior dos membros que a compõem, estará por esse mesmo facto a condenar-se à morte, por asfixia espiritual.

Daqui a importância, em particular para aqueles que vivem a agitação característica de uma existência secular, de um movimento periódico e até diário de uma certa solidão física, que lhes permita superar a agitação e o tumulto quotidiano. É crescente o desejo de penetrar no deserto, não para nele permanecer, mas para retornar às tarefas habituais na posse plena da própria interioridade, constantemente ameaçada pelo fragor que ensurdece e despersonaliza. A solidão física estará assim em função e ao serviço da solidão interior. e a solidão interior ao serviço da comunhão entre os homens, não apenas, porém, como uma meta a atingir, mas como uma dimensão constitutiva da própria comunhão.

2. A via do diálogo

A tomada de consciência, por parte de cada homem, da sua solidão radical, ontológica e da vocação e missão que desta provém, é um ato sumamente pessoal, em que ninguém pode ser substituído por ninguém. É o próprio eu que tem de abarcar, em plena liberdade, a profundidade e a vastidão do seu mistério, e assumir a conseqüente responsabilidade.

O diálogo é um momento importante de encontro entre as pessoas. Na medida em que o diálogo for edificado na verdade e na consideração do segredo a que acede e dá acesso, permitirá a cada um dos interlocutores descobrir-se e conhecer-se a si mesmo sob uma nova luz, penetrando mais profundamente e de uma forma que antes lhe era inacessível no seu próprio mistério pessoal. Neste sentido, o diálogo não é simplesmente uma interrupção material da solidão, mas também uma via de acesso para atingir a posse plena da nossa irreduzível individualidade.

O diálogo que interrompe e preenche a solidão coloca frente a frente os parceiros humanos, numa perfeita transparência e sinceridade, mas que ao mesmo tempo se abre para além de si próprio. O diálogo, na sua dimensão humana, tem decerto o seu valor intrínseco, mas é um valor incompleto, que facilmente decai no egoísmo «a dois» ou no egoísmo «de grupo» se não souber ou quiser ir mais longe, isto é, se não se abrir ao Tu transcendente e pessoal, que fundamenta, em termos absolutos, qualquer encontro interpessoal autêntico.

3. Participação e solidariedade

Aos dois caminhos percorridos até este momento, a via da interioridade pessoal e a via do diálogo, deveremos acrescentar agora um terceiro, que aproxima mutuamente os indivíduos na relação comunitária, mediante os laços da participação e da solidariedade.

O movimento de distinção ontológica própria da «solidão interior» não termina, como vimos, numa nova reclusão do eu dentro de si mesmo, antes frutifica numa abertura aos outros, fundamentada na posse plena e consciente do próprio mistério pessoal. Esta abertura encontra uma realização privilegiada no diálogo aberto ao sentido transcendente, o qual, por sua vez, é também um meio de individualização ou personalização, no seu significado integral.

Mas não só no diálogo entre duas pessoas, por mais denso e construtivo que este seja, se exerce a superação da solidão-isolamento. Esta realiza-se também no âmbito do agir, e em particular do agir juntamente com os outros.

Cada homem, normalmente, age com outros homens, e mesmo quando a sua ação é materialmente realizada de forma distinta e separada das ações dos outros, destina-se a convergir com essas de maneira dinâmica, na unidade do mesmo fim objetivo e subjetivo, isto é, do bem comum.

Este agir com os outros pode ser convenientemente caracterizado pela noção de participação a qual indica que o homem atuando juntamente com os outros mantém nesta ação o valor personalista do próprio ato e ao mesmo tempo beneficia dos resultados da ação comum. Em sentido inverso, pode dizer-se também que graças a participação o homem atuando juntamente com os outros mantém tudo o que resulta da ação comum e simultaneamente, através disto mesmo, realiza o valor personalista do próprio ato.

Anteriormente a todas as soluções de ordem social, assistencial ou política, antes mesmo de todas as palavras e de todas as ações, requer-se esta participação em nome da comum humanidade, à qual poderá também chamar-se solidariedade. Sem ela, poderá haver soluções técnicas mais ou menos eficazes, mas não respostas plenamente humanas. E mesmo quando as soluções técnicas se revelarem de todo inviáveis, como pode acontecer junto de um diminuído, privado de qualquer tipo de reação sensível, ou de um doente em estado grave ou até de um moribundo que penetra sozinho no mistério da morte,

prevalecera sempre esta sintonia essencial talvez silenciosa talvez incapaz de qualquer manifestação exterior, talvez aparentemente inútil que porem se aproxima com imenso respeito do outro homem ainda que o seu rosto se encontre desfigurado pela mais grave provação e o acompanha intimamente com a sua solidariedade.

Esta, por sua vez, se for verdadeira, desencadeará as mais diversas aplicações concretas, adequadas a cada circunstância. Não poderá tolerar que os velhos continuem a ser abandonados, ou que os mais jovens sejam vítimas de um niilismo que os conduz ao desespero e à autodestruição. Mas saberá sempre porque o faz: a sua verdadeira motivação não reside nas ideologias e sistemas políticos, mas no serviço do homem e da sua dignidade. Só nestas condições será possível reconhecer, mais profundamente, que «o homem ultrapassa infinitamente o homem; só então o mesmo homem poderá despertar, e reconhecer a plena dignidade da sua natureza.

Segunda parte, cap. I e II de Jesus Cristo, luz e sentido da solidão do homem. A diversão e os seus processos; O caminho da individualidade e da interioridade; A via do diálogo, da participação e da solidariedade. (p. 123-150).

Resumo de Padre Leone Orlando